

99 anos da semana de 22

ZAGUT



#FIQUEMCASA
#STAYHOME

Adriana Montenegro .
Adriane Schreiner . Alê Silva . Alexandre Sallys .
Ana Angelim . Ana Cristina Teixeira . Ana Luiza Mello . Ana Morche . Ana Schieck .
Andres Papa . Angélica Rochon . Augusto Herkenhoff . Bel Guimarães . Bel Mota . Benjamin Rothstein .
Bia Rocha . Celina Nolli . Celso Adolfo . Cerise E. Cesar Paes Barreto . Christiano Whitaker . Claudia Carneiro .
Claudia Castro Barbosa . Claudia Watkins . Claudio Copello . Coletivo Redemoinho . Conceição Durães . Cunha Bocayuva .
Daniela Veronesi . Daniele Bloris . Débora Carneiro da Cunha . Dirce Fett . Dulce Lysj . Eliane Lamarca .
Evandro Aguiar . Edwiges Barros . Fernando Brum . Francinete Alberton . Gabriela Tenenbaum . Galvão Jr. Gloria Conforto . Graça Pizá .
Helena Wassersten . Guilherme Liduino . Hortensia Pecegueiro . Ilda Fuchshuber Falacio . Iraceia Oliveira . Isabella Marinho . Isis Braga .
Jarbas Paulous . Joel Gama . Jorge Cerqueira . Jorge Duarte . Judite Alice . Kátia Âncora da Luz . Katia Politzer . Lando Faria . Laura Vivacqua .
Lea Soilbelman . Lenn Cavalcanti . Let Cotrim . Leticia Potengy . Lia do Rio . Liana González . Liane Briand . Lizete Zem . Lucia Lyra .
Marcia Cavalcanti . Márcio Antonelli . Marcio Atherino . Maria Cecilia Leão . Maria Perdigo . Mariana Campos . Mariza Vescovini .
Marta Bonimond . MarQo Rocha . Martha Pires Ferreira . Mary Di Lorio . Mauricio Theo . Morgana Souto Maior . Nilton Pinho .
Noemi Ribeiro . Patricia Figueiredo . Paulo Mittelman . Pedro Bento . Pedro Parente . Ranieri Mazzilli . Regina Helene . Regina Moura .
Roberto Negri . Rosângela Soares Pinto . Rose Aguiar . Rose Nobre . Rossana Gobbi . Rosi Baetas . Ryam Paès . Sandra Gonçalves .
Salazar de Figueiredo . Simone Trombini . Sissi Kleuser . Sonia Camacho . Teresa Asmar . Teresinha Mazzei . Vania Beatriz . VeraLu .
Vilma Lima . Vitoria Szejnman . Vlad da Hora . Wally Km Amarü . Wil Catarina . Zé Igino . Zoravia Bettiol .

ZAGUT

Abertura

10 Junho às 19h
2021

Exposição

virtual permanente
www.espacozagut.com

Shopping Cassino Atlântico
Av. Atlântica 4240 - loja 315
Copacabana - Rio de Janeiro
Brasil

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

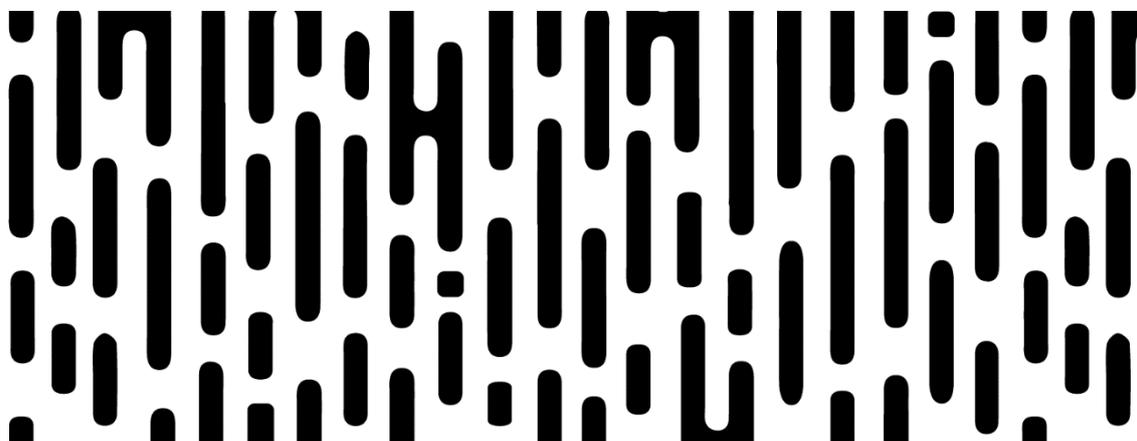
Ensaios críticos: Carlos Taveira, Danielle Machado

Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



99 anos da Semana de 22 – uma semana revolucionária

A Semana de Arte Moderna de 1922 ocorre em um Brasil que comemora o centenário de sua independência, sua crescente industrialização e a euforia que o fim da primeira grande guerra traz. Artistas que tinham tido acesso a experiências artísticas radicais em uma Europa que se reinventava começavam a propor inovações, na maioria das vezes não facilmente aceitas. A Semana é um marco da união entre eles e dessa proposta estética vanguardista, focada na realidade brasileira, que rompia com padrões tradicionais vigentes.

Ocorreu em São Paulo, embora com a participação de artistas de outros estados, talvez porque no Rio de Janeiro as instituições mais tradicionais, criadas desde a vinda da corte, colocariam ainda mais obstáculos a essas rupturas.

Se na época foram muitas as críticas e não tenha sido claramente reconhecida a sua importância como o primeiro movimento importante de um grupo artístico no país, foram muitas as sementes que germinaram a partir da mesma: publicações, grupos, artistas que mudaram suas práticas, tendo influência até mesmo em movimentos muitos anos mais tarde, como a Bossa Nova e o Tropicalismo.

A Zagut propõe aos artistas que se debrucem na reflexão sobre esse tema praticamente cem anos após o seu advento, quando se está prestes a comemorar o bicentenário da independência do Brasil, mas também se está no meio de uma pandemia que vem mudando nossa forma de ver a vida. O objetivo é celebrar a inovação, a criatividade, a falta de amarras no contexto das artes. E como a coragem desse grupo de artistas foi capaz de mudar o panorama da história das artes no nosso meio, e como essa coragem na forma de ver o mundo pelos artistas é tão necessária às sociedades nas quais esses estão inseridos, sendo os primeiros a fazerem inovações, observações sobre a sociedade em que vivem, fazendo chamados diversos a essas sociedades, através de sua sensibilidade aguçada e enorme poder estético de suas obras.

Semana de arte moderna de 1922: um movimento que não tem fim.

Carlos Vinicius S. Taveira

Mestre em teoria da história da arte e Doutor em literatura, literatura e contemporaneidade.

A semana de 1922 faz cem anos em 2022 em volta de atualizações e novos debates e em um cenário de forte debate político, social e sanitário no Brasil. Em 1922 o Brasil ainda era uma jovem república com seus defeitos e méritos, e ainda procurava desenhar traços de um futuro que se distanciasse gradativamente do seu passado imperial e colonial. Nesse contexto ocorre a tão emblemática semana que se tornaria referência de arte e cultura no Brasil.

Mas seria essa “semana” que durou menos de cinco dias e que foi realizada em fevereiro daquele ano, tudo o que realmente tem lhe sido atribuído? A resposta para essa indagação é concordar com parte da inquirição, e discordar de outra. Contudo, de início, podemos assumir basicamente que o evento fez parte de um movimento maior e que chegou aos nossos dias merecendo ser celebrado, lembrado, e também, revisado criticamente.

E aqui se encontra o papel dessa exposição: pensar, sensibilizar, ou até mesmo antropogizar, a herança que recebemos da semana de 1922. Trata-se de devorar o que nos chegou, absorvendo suas melhores forças, para enfim, nós tonarmos outro(s). E para darmos esse passo devemos agradecer aos organizadores do banquete antropofágico Isabela Simões e Augusto Herkenhoff e pelos convidados artistas que trouxeram seus pratos ou obras de arte para uma grande digestão.

1922 – um ano emblemático?

O ano de 1922 no Brasil é um marco de convergências históricas que tem sido desconstruído e revisto nos últimos anos. Em um mesmo momento ocorreram acontecimentos como a semana de arte em São Paulo, o auge do movimento tenentismo, e também, a fundação do Partido Comunista do Brasil,

todas essas linhas, fornecendo contribuições que contestariam o status quo da época vivida naquele ano.

Ao lado disto, foi um ano de celebração do centenário da independência do Brasil ocorrida em 1822. Esse contexto delimitava um cenário perfeito para a apresentação de leituras diversas, capazes de impor significado e sentido ao que consideramos como Brasil. Não se tratava de ter mais um conjunto de ideias que deixasse uma interpretação do país construído de fora para dentro de maneira passiva, tratava-se de um momento de assumir o papel ativo perante o exterior.

Mas antes disso, podemos separar nossa análise em dois momentos: um primeiro sobre o evento do que foi a semana de 1922, e outro, o que a historiografia fez da memória desse. A efemeridade da semana de arte moderna de 1922 realizada no Teatro Municipal de São Paulo não chegou a preencher todos os dias tradicionais de uma semana, e algumas apresentações chegaram até a se repetir.

Porém, seu impacto é inegável no momento em que ocorreu e para isto, basta observarmos a reação da imprensa do período que esboçou acidas críticas ao evento, e a reação de parte do público que se expressou com vaias em algumas apresentações artísticas. Um desses, a leitura do poema “Os Sapos” de Manuel Bandeira foi um dos acontecimentos que serviram para apresentar as principais ideias dos idealizadores, e simultaneamente receber reações adversas no contato com o público. Como resultado o declamador do poema Ronald de Carvalho entraria para história mais pela vaia recebida em seu desempenho, do que pela sua própria produção artística.

O músico pouco conhecido nacionalmente na época, mas que já angariava gradativamente reconhecimento crítico, Villa-Lobos, foi outro recebido negativamente por parte do público. Sua obra que misturava a música clássica com influências nativas do Brasil soou indigestamente em parcela sensível dos espectadores. Sua mistura procurava demonstrar o que todos os modernistas procuravam explorar: não existia pureza na formação cultural da brasilidade, e essa poderia ser justamente nossa identidade.

Não se tratava de uma identidade estável, capaz de ser contida em imagens estáticas ou símbolos nacionais duradouros e defendidos pelo Estado. Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Menotti del Picchia, entre outros, buscaram pensar o Brasil pela sua cultura, ou seja, pela

sua característica de brasilidade. Não era uma cultura recuperada em modelo externo, advinda principalmente dos meios culturais europeus e defendida como “cultura brasileira”, e sim, uma apropriação desta, em diálogo com outras tradições existentes no território do Brasil.

Assim é formulado o grande projeto expresso no manifesto antropófago proposto por Oswald de Andrade e que só é escrito posteriormente à semana de 22, mais precisamente em 1928, mas que já continha algumas de suas ideias presentes nos trabalhos dos participantes da semana.

De forma sucinta podemos estabelecer que um manifesto seja a exposição de um conjunto de ideias que almeja alcançar e transformar a realidade em algum momento, nem que seja no futuro. Cada manifesto propõe meios para que se chegue a determinados fins, rompendo o tempo da vida humana, mas perdurar como ideias. No caso do “Antropófago” o manifesto surge em um momento diferente e até mesmo distante temporalmente da semana, o que já denota que o modernismo proposto pelos integrantes de 22, era mais um movimento maior do que havia se estabelecido no palco do Teatro Municipal de São Paulo.

O modernismo que atingiu o palco desse teatro já era latente em alguns aspectos na cultura brasileira das décadas iniciais do século XX. Cada local apresentou suas expressões modernas, lidando com suas resistências e transgressões de maneira singular. Deve ser salientado que houve situações em que somente décadas após a semana de 22 constatamos a presença de ideias modernas. O contágio atua de forma singular.

No mesmo estado de São Paulo ocorreram exposições de Lasar Segall e de Anita Malfatti anteriores à semana, que apresentavam objetos artísticos amplamente modernos e que tiveram recepção turbulenta por parte do público. Basta lembrarmos que Anita foi criticada severamente por Monteiro Lobato por uma exposição ocorrida em 1917 e que também suas obras apresentadas na semana de 22 haviam sido produzidas em tempos anteriores ao evento, o que explicita que o modernismo começou bem antes do marco que se propõe com a destacada semana.

Em outra vertente podemos destacar que o modernismo defendido nos ramos das artes presentes na semana de 22 é um pouco limitante para entendermos o que abrange o termo “moderno”. Para ficarmos em um exemplo

mais próximo, o Rio de Janeiro da Belle Époque já havia apresentado elementos de modernidade, e de mistura, entre tradição e modernidade anteriores aos artistas de São Paulo. João do Rio importou a velocidade da crônica para seus escritos e acompanhava nas ruas as transformações que a sociedade passava.

Isso nos leva a refletir de porque o modernismo ocorrido em São Paulo ocupou um espaço enorme dentro da historiografia das artes brasileira, e outros tantos foram posicionados à margem. São Paulo era a capital emergente do café que apoiou o movimento da semana de 22. Entre tantos nomes o de Paulo Prado, que pode designado como atuante em diversas áreas como intelectual, escritor, pensador, e que também possuía o epíteto de ser um empresário capaz de ser um verdadeiro mecenas do modernismo criado em São Paulo.

Em outra vertente, a criação da USP, e a tradição de estudos literários gestado pelo professor Antônio Candido que se tornou com todo mérito uma referência intelectual no Brasil, posicionou o modernismo paulista como a principal vanguarda moderna no país. Além disso, houve a adoção nos currículos escolares da semana de 22 como o principal palco do moderno em terras brasileiras. Esses e outros ingredientes contribuíram na eleição do modernismo paulista como uma espécie de fotografia do Brasil.

Com tudo isto, podemos deduzir como os modernistas paulistas possuem sua importância na história da arte brasileira, mas também devemos pensar quais são os limites que essa forma de leitura causou no enevoamento de outros modernismos no Brasil.

Antropofagia

A antropofagia, ou essa concepção de pensar a cultura brasileira pode ser interpretada como a principal herança dos modernistas paulistas. Não se trata de uma obra de arte específica, mas de um conjunto instrumental de ideias para se pensar o Brasil. A cultura brasileira sempre possuiu uma dinâmica de trocas constantes, e de entrelaçamento do outro, e da incorporação do diferente em seu funcionamento, vide o barroco entre outros movimentos, mas o que a proposta da antropofagia fez foi entregar uma máquina de reflexão, ao lado de uma composição de novos valores.

O que era visto como algo a ser escondida, nossa tradicional cultura advinda de povos diversos, se torna protagonista ao lado de outros. O próprio

ato antropofágico era algo praticado pelos povos Tupinambás, que ao devorar seus inimigos, assumia uma parte de suas forças. Diferentemente do canibalismo que se alimenta do outro para saciar sua fome, a antropofagia surge em um contexto de ritual de transformação. Ao efetuar-lo, seu praticante se torna outro.

Transformada em metáfora e em máquina de reflexão por Oswald de Andrade, a antropofagia se torna uma maneira de reunir aspectos e características que podem ser disjuntivos, ou mesmo desarmônicos em novos objetos e leituras. O que poderia ser restrito a uma forma, se junta com outra, formando um novo “outro”. Trata-se mais de algo em movimento perpetuo e infinito, do que de algo estático e pacífico.

O próprio ato de devorar seu inimigo e não de somente digeri-lo, implica uma ação ativa, sobretudo, perante algo vindo do exterior. Ao se efetuar, se constitui, e se autonomiza formando um novo ser, ou uma nova identidade.

Conclusão, inconclusa.

A própria noção de antropofagia construída no movimento que proporcionou a semana de arte de 1922, não permite uma conclusão final, pois defende o infinito processo de transformação, mas podemos apreciá-la como um convite para a mudança ou o processo infinito de devir.

A exposição presente nesse catálogo, e em outros suportes, persiste em ser mais uma vírgula, fruto de um processo antropofágico iniciado em algum momento histórico longínquo, talvez além da icônica semana, e que se desdobra em ondas no tempo até nos atingir atualmente. Cada artista e cada obra é uma partícula desse processo.

Seja bem vindo ao nosso banquete antropofágico.

Bibliografia.

ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias:** manifestos, teses de concursos e ensaios. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1972.

AMARAL, Aracy A. **Artes plásticas na semana de 22:** subsídios para uma história da renovação das artes no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1970.

CARVALHO, Luis Felipe dos Santos; CARDOSO, Marília Rothier. **Na fronteira do outro: motins antropofágicos**. 2010. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2010. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0610668_10_Indice.html>

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia**. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 201

Quase 100 anos de 1922

Danielle Machado

“A notícia de uma projetada semana de arte moderna em S. Paulo foi recebida com muita curiosidade em nossas rodas intelectuais e mundanas. E era natural que assim acontecesse, pois é a primeira vez que se vai tentar no Brasil um certame dessa natureza.” (Correio Paulistano, 2/2/1922)

“Os ‘futuristas’, esses endiabrados e protervos futuristas de S. Paulo – escória mental da nossa gloriosa terra de avanguardistas! – vão realizar umas esplêndidas noitadas de arte durante a semana próxima.” (Correio Paulistano, 7/2/1922)

Em 2022, teremos o centenário do marco modernista brasileiro: a Semana de Arte Moderna de 1922 ou, simplesmente, a “Semana” para os mais íntimos de um dos cânones artísticos de nosso país. Os “futuristas” do célebre evento pretendiam romper com a tradição, à moda dos “ismos” das vanguardas modernas europeias. Mais que uma renovação estética, plástica, eles desejam convencer o público de uma atitude e, nesse sentido, tiveram sucesso. Por décadas, a história da arte brasileira ficou à sombra da Semana de 1922 como ponto de partida das nossas práticas modernas.

Apesar da idealização da Semana de 1922 ser, oficialmente, de Graça Aranha e, nos bastidores, de Di Cavalcanti, ambos cariocas, ela ocorre no Teatro Municipal da cidade de São Paulo (SP), nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro. Sob o anúncio de que apresentariam “o que havia em nosso meio em escultura, pintura, arquitetura, música e literatura sob o ponto de vista rigorosamente atual”, foram patrocinados, contraditoriamente, por figuras da aristocracia paulista, sobretudo, cafeeira.

A Semana começou a ser anunciada quinze dias antes de sua realização. Ser “futurista” ou ser “moderno”, “modernista”, os dois últimos adjetivos foram os que vieram para ficar, carregavam a conotação da manifestação da ruptura. Criou-se a consciência do artista que, além de criar a obra de arte, se declara e estimula a reflexão via outros recursos, externos à sua produção. Como

exemplo, temos a conferência “A emoção estética da arte moderna”, proferida por Graça Aranha, e as de Mario de Andrade e Menotti del Picchia.

A postura combativa também pode ser relacionada à escolha do Teatro Municipal como palco da Semana de 1922. Apesar de, na época, contar com apenas dez anos de existência, a instituição carregava consigo a tradição, à exemplo do projeto arquitetônico que foi inspirado na Ópera parisiense. As polêmicas vaias emitidas pelo público para a leitura do poema “Os Sapos” de Manuel Bandeira ou para o figurino de Villa-Lobos, que vestia sapato em um pé e chinelo no outro, devido a um calo, contribuíram para a tônica escandalosa desejada por seus organizadores.

Um importante legado da Semana de Arte Moderna foi a interdisciplinaridade. O festival de 1922 tinha em sua programação uma grande exposição com pinturas – de Anita Malfatti, Antônio Paim Vieira, Di Cavalcanti, autor da capa do catálogo com a programação, Ferrignac, John Graz, Vicente do Rego Monteiro, Yan de Almeida Prado e Zina Aita –, esculturas – de Hildegardo Velloso, Victor Brecheret e Wilhelm Haarberg – e projetos arquitetônicos de Antonio Moya e Geord Przyrembel. Os recitais de poesia contam com nomes como Oswald de Andrade, Tácito de Almeida, Manuel Bandeira, entre outros. Os concertos, com o regente Villa-Lobos, apresentando composições autorais, e os pianistas Ernani Braga e Guiomar Novaes que interpretaram o francês Claude Debussy.

A interlocução entre distintos meios de expressão cultural e artística talvez seja uma das maiores riquezas deixadas pelo festival de 1922. A articulação entre literatura e artes teve continuidade nos anos subsequentes como, no fim da década de 1920, no Movimento Antropofágico, que legou dois ícones modernistas de nossa história da arte: o “Abaporu” da pintora Tarsila do Amaral e o “Manifesto Antropófago”, ambos de 1928, de Oswald de Andrade, cujos versos “Tupi, or not tupi that is the question” e “Só me interessa o que não é meu” ecoam até a atualidade, influenciando diversas gerações.

A ausência de registros fotográficos da Semana de Arte Moderna, apesar do pioneirismo brasileiro neste meio, pode revelar que o desejo pelo espírito moderno se sobrepunha à realidade da cidade de São Paulo que, na época, ainda não possuía a conhecida paisagem vertical, nem multidões. Às vésperas de completar seu centenário, é interessante lembrar que, na ocasião do

festival de 1922, havia outro em vigor, o da Independência, que mobilizou recursos diversos para sua efetivação na então capital do país, Rio de Janeiro. A manutenção do cânone da Semana teve tanto sucesso que, hoje, mal nos lembramos que teremos, também, o bicentenário da Independência. Com afã nacionalista, tratou-se de um modernismo que buscou as raízes populares do Brasil, descartando algumas tradições e instituindo outras. Com todas as críticas sobre os mitos que sustentam a Semana de Arte Moderna de 1922, como a ausência de radicalidade nas pinturas ou a participação de Tarsila do Amaral, mesmo que seja em um espectro discursivo, o grito de independência vigorou.

Adriana Montenegro



Sem título; performance; fotografia: Déborah Engel; 50 x 50 cm; 2003

Adrienne Schreiner



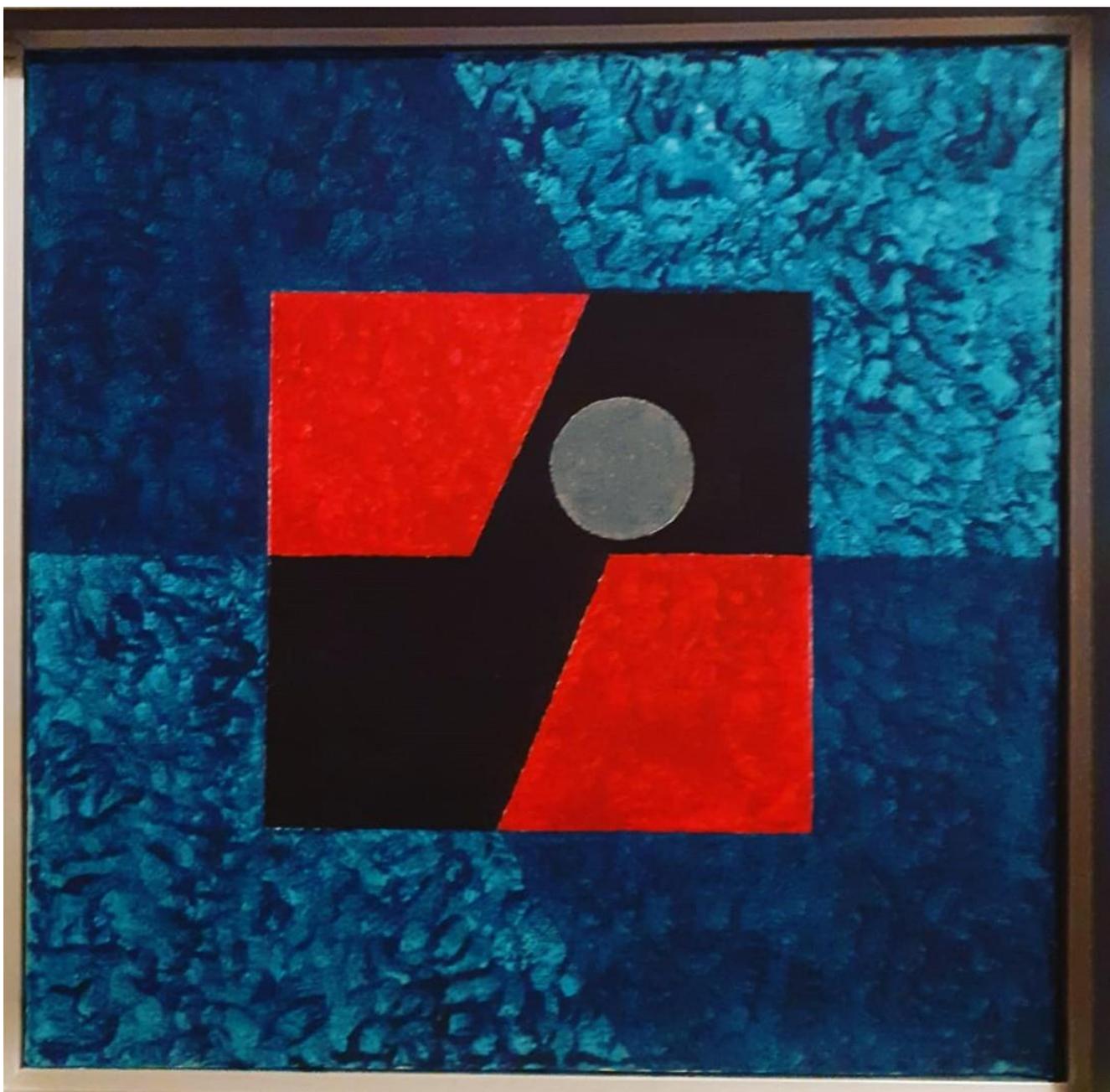
A Mulher Amarela - Homenagem a Anita Malfatti; arte digital; edição única; 21 x 29,7 cm; 2021

Alê Silva



O Olho que Nada Vê; fotografia digital, impressão fine arts em papel
Hahnemuhle Photo Rag 308 g.; tiragem 1/10; 42 x 30 cm; 2021

Alexandre Sallys



A lua através da janela; tempera s/ tela; 30 x 30 cm; 2021

Ana Angelim



A Estudante; giz pastel oleoso s/ Canson; 42 x 59 cm; 2021

Ana Cristina Teixeira



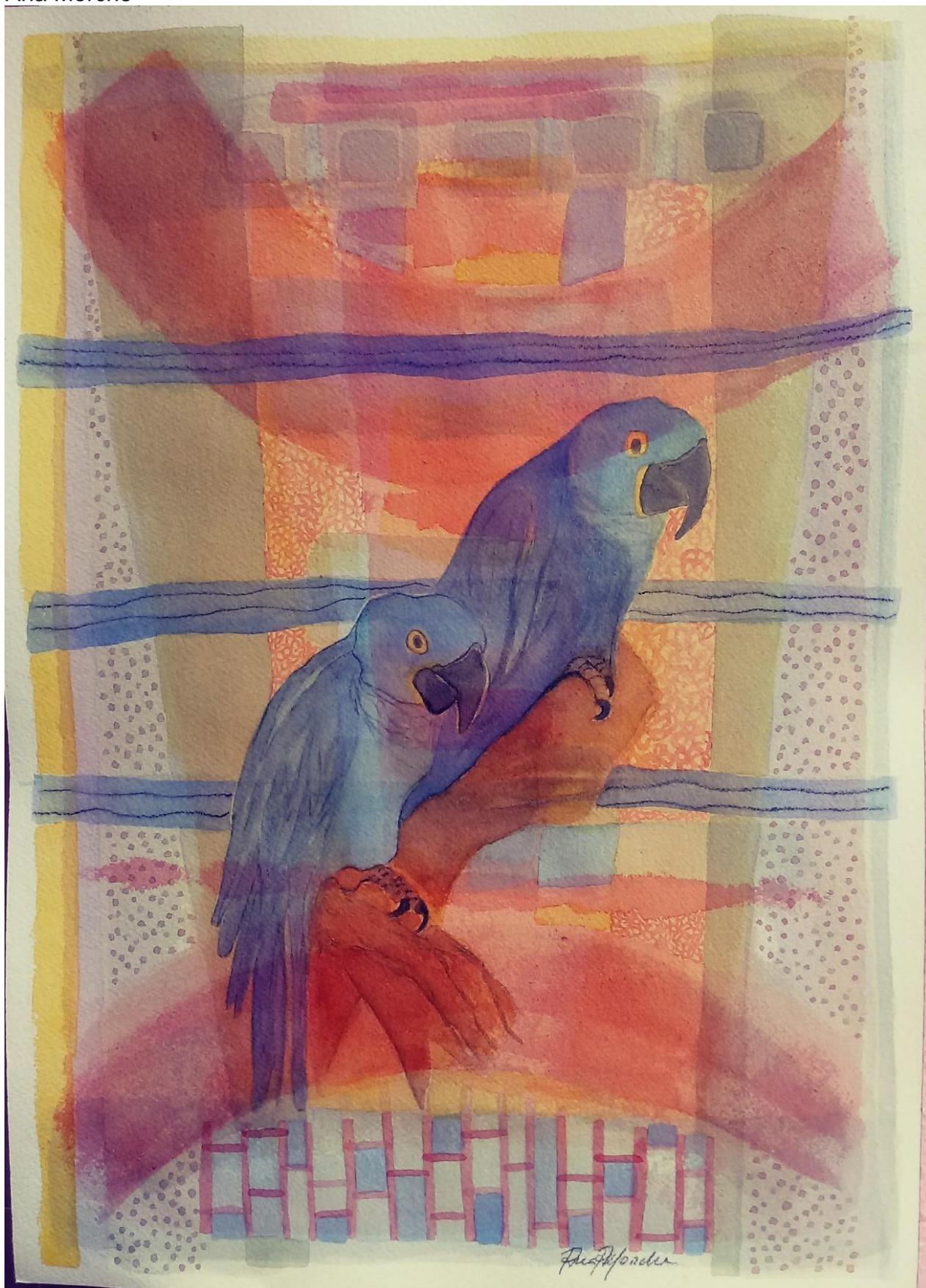
Série azul verde amarelo; Jaci (lua em tupi); acrílica e colagem s/ papel Hahnemühle; 36 x 48 cm; 2021 e Kûara (sol em tupi); acrílica e colagem s/ papel Hahnemühle; 21 x 30 cm; 2021

Ana Luiza Mello



Modernistas; desenho com técnica mista e manipulação digital, impressão fine art; 29 x 42 cm; 2021

Ana Morche



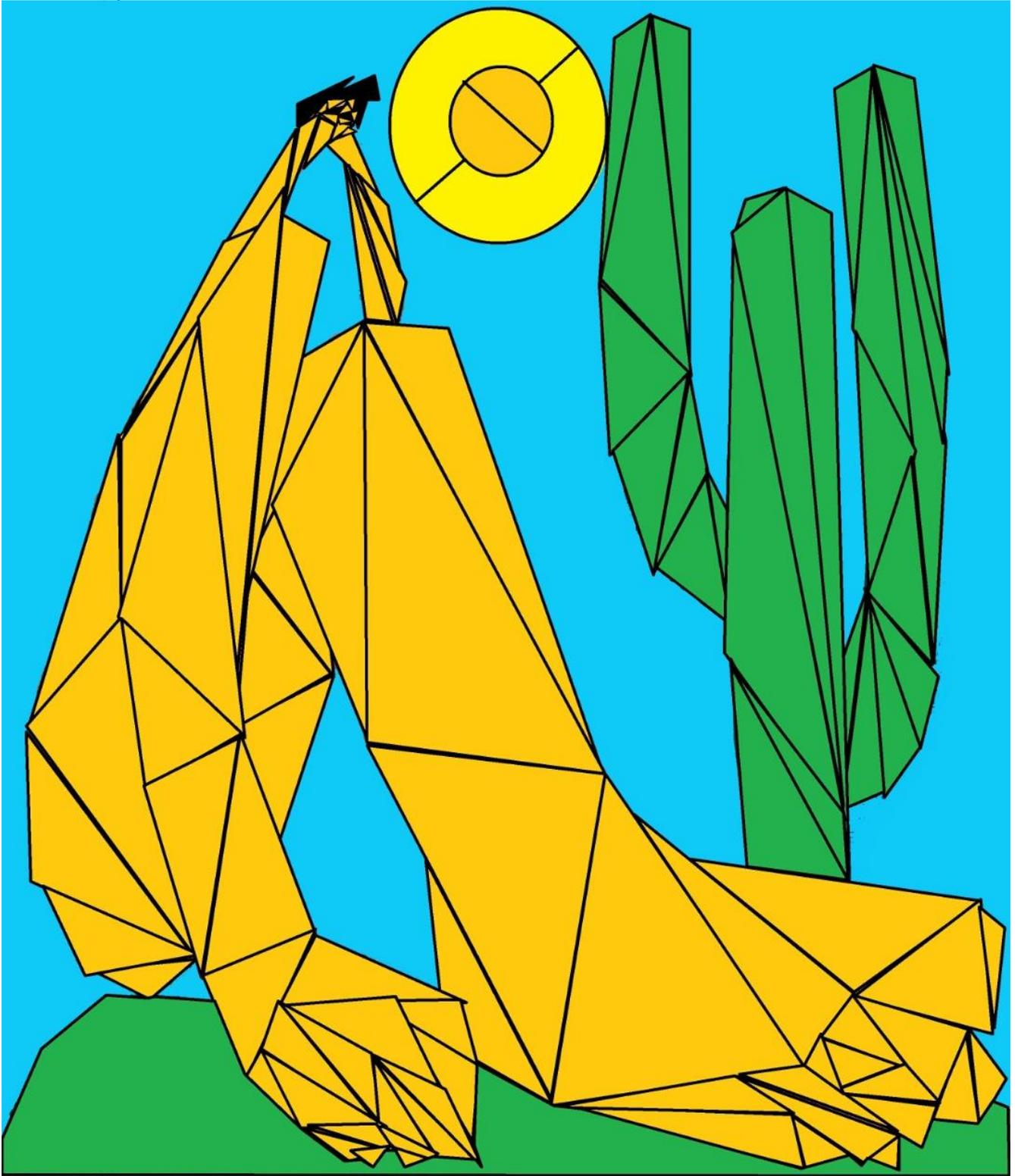
Naturalis I; aquarela s/ papel Arche; 36 x 51 cm; 2021

Ana Schieck



Temperança; aquarela e colagem s/ papel; 40 x 32 cm; 1993

Andres Papa



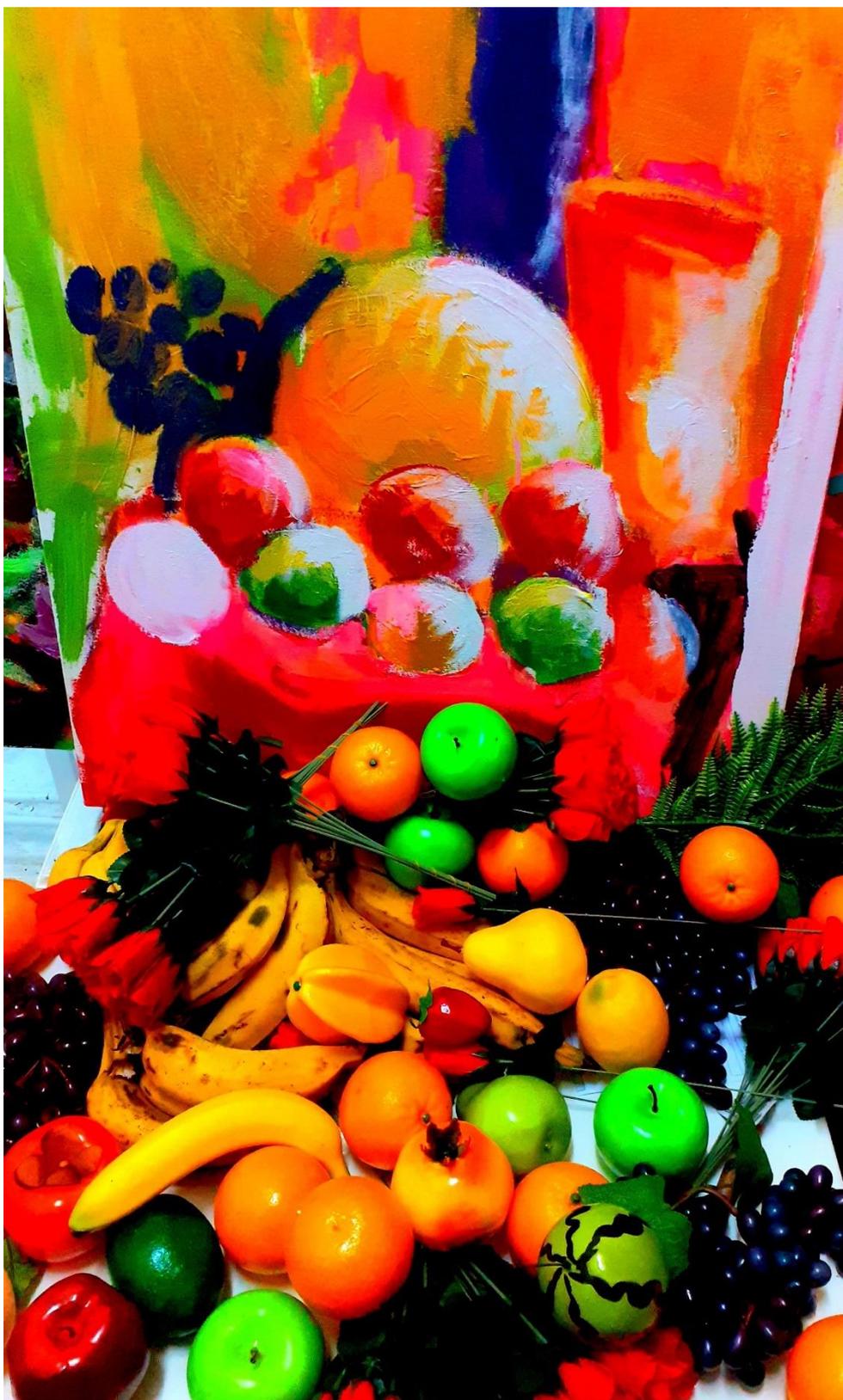
A grande ausente segundo a futura dona dos bichos; arte digital; 70 x 50 cm; 2021

Angélica Rochon



Sobreviviente; acrílica s/ tela; 90 x 70 cm; 2020

Augusto Herkenhoff



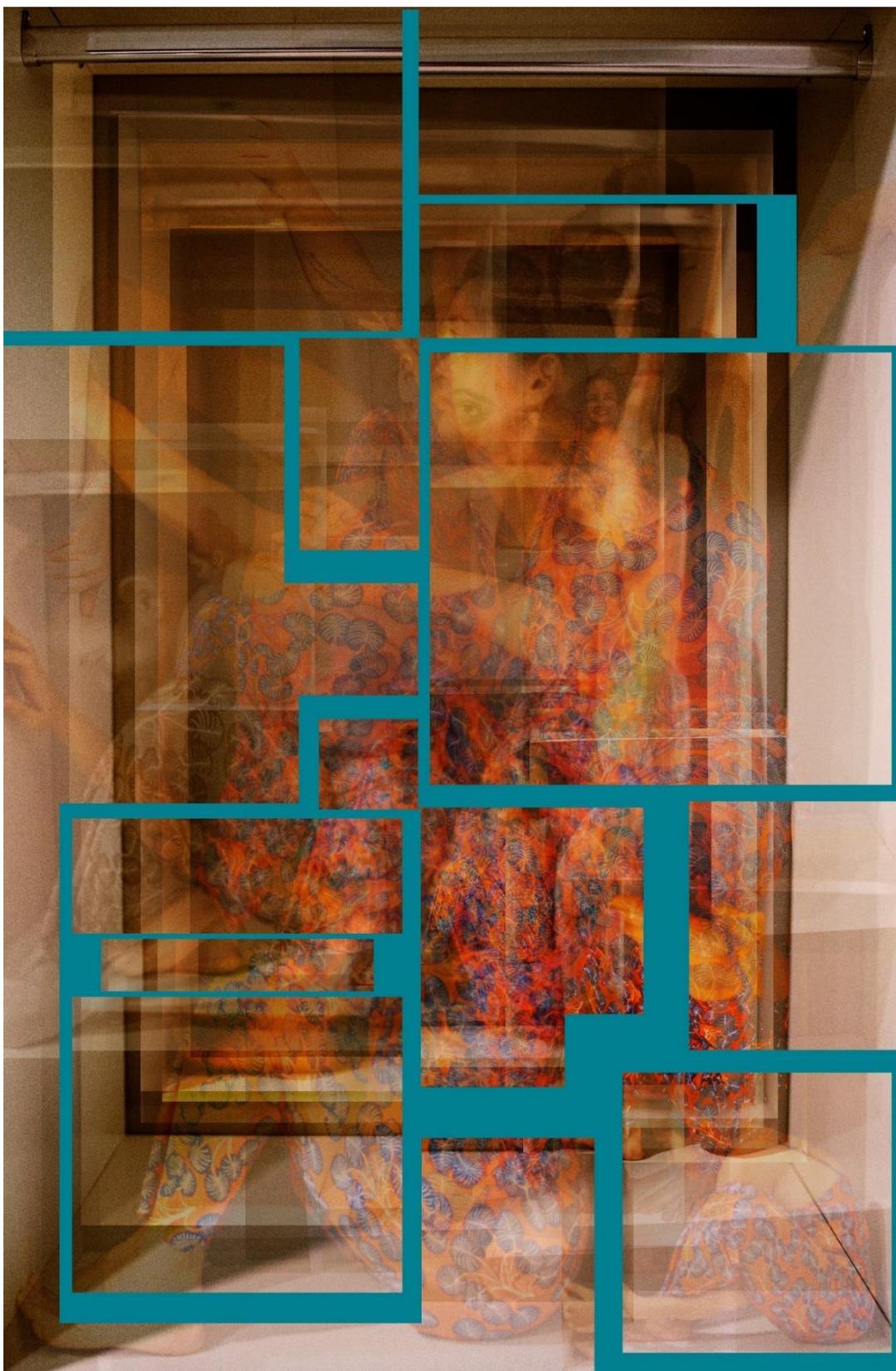
Natureza moderna; fotografia digital, impressão fine arts; tiragem 5; 60 x 80 cm; 2021

Bel Guimarães



Café; acrílica s/tela; 30 x 40 cm; 2021

Bel Mota



Sem Título; colagem digital, edição única; 42,67 x 65,24 cm; 2021

Benjamin Rothstein



Sem título; giz pastel seco e lápis s/papel; 33 x 48 cm; década de 90

Bia Rocha



Gato moderno; aquarela s/ papel; 32 x 24 cm; 2021

Celina Nolti



Nós, nós; objeto tridimensional em tubo e fios de cobre; 100 x 44 x 8 cm; 2021

Celso Adolfo



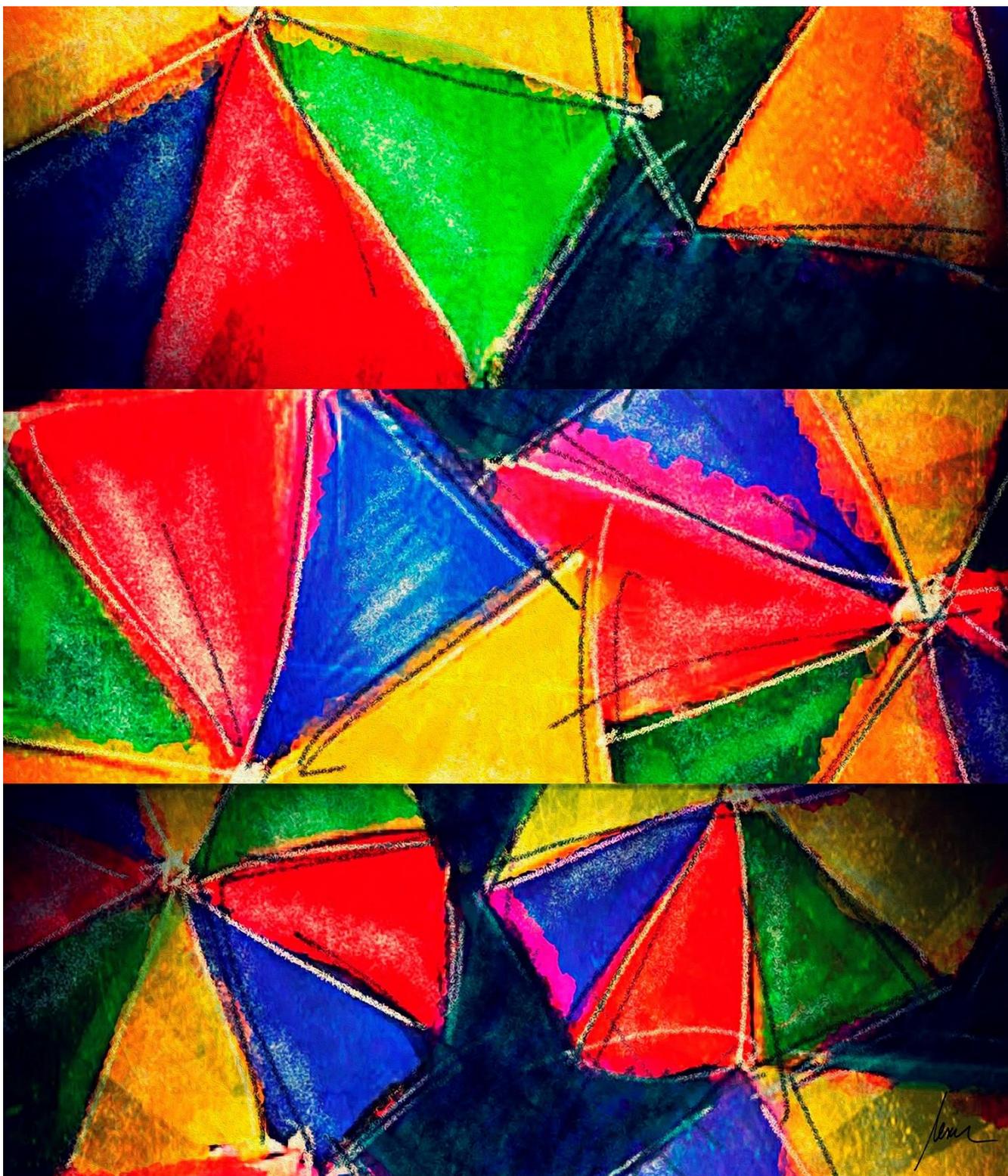
Pindorama; mosaico; 120 x 40 cm; 2021

Cerise E.



Sapos; arte digital, impressão fine art; edição única; 85 x 86 cm; 2021

Cesar Paes Barreto



Frevismo; arte digital em smartphone, impressão em canvas Canson matte 395 g, com tintas de pigmento mineral; edição única; 40 x 60 cm e com 10 reprints, impressão em papel Canson matte 180g, com tintas de pigmento mineral, 21 x 29 cm; 2021.

Christiano Whitaker



Macunaíma, o Herói sem Nenhum Caráter; guache s/ jornal; 35 x 28 cm; 2021

Cláudia Carneiro



Duplo; colagem - sobreposição de camadas de papel s/papel; 21 x 29 cm; 2009

Claudia Castro Barbosa



São Paulo (tríptico); acrílica s/tela; 166 x 100 cm; 2020

Claudia Watkins



As gêmeas, acrílica s/tela; 100 x 150 cm; 2014

Claudio Copello



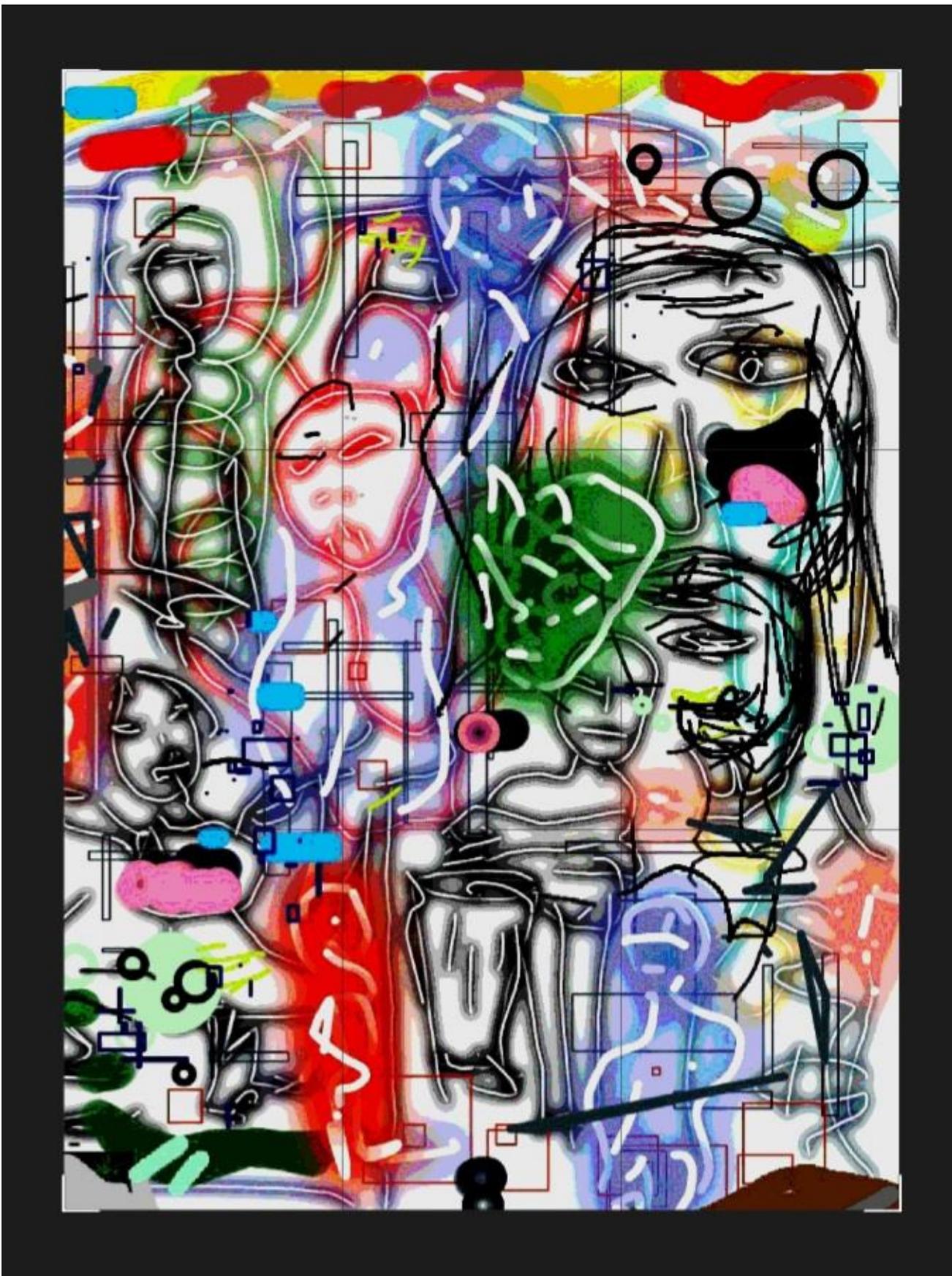
O Porvir; acrílica s/ papel Kraft; 48 x 33 cm; 2021

Conceição Durães



Eu Tarsila; arte digital; tiragem 1/5; 40 x 30 cm; 2020

Cunca Bocayuva



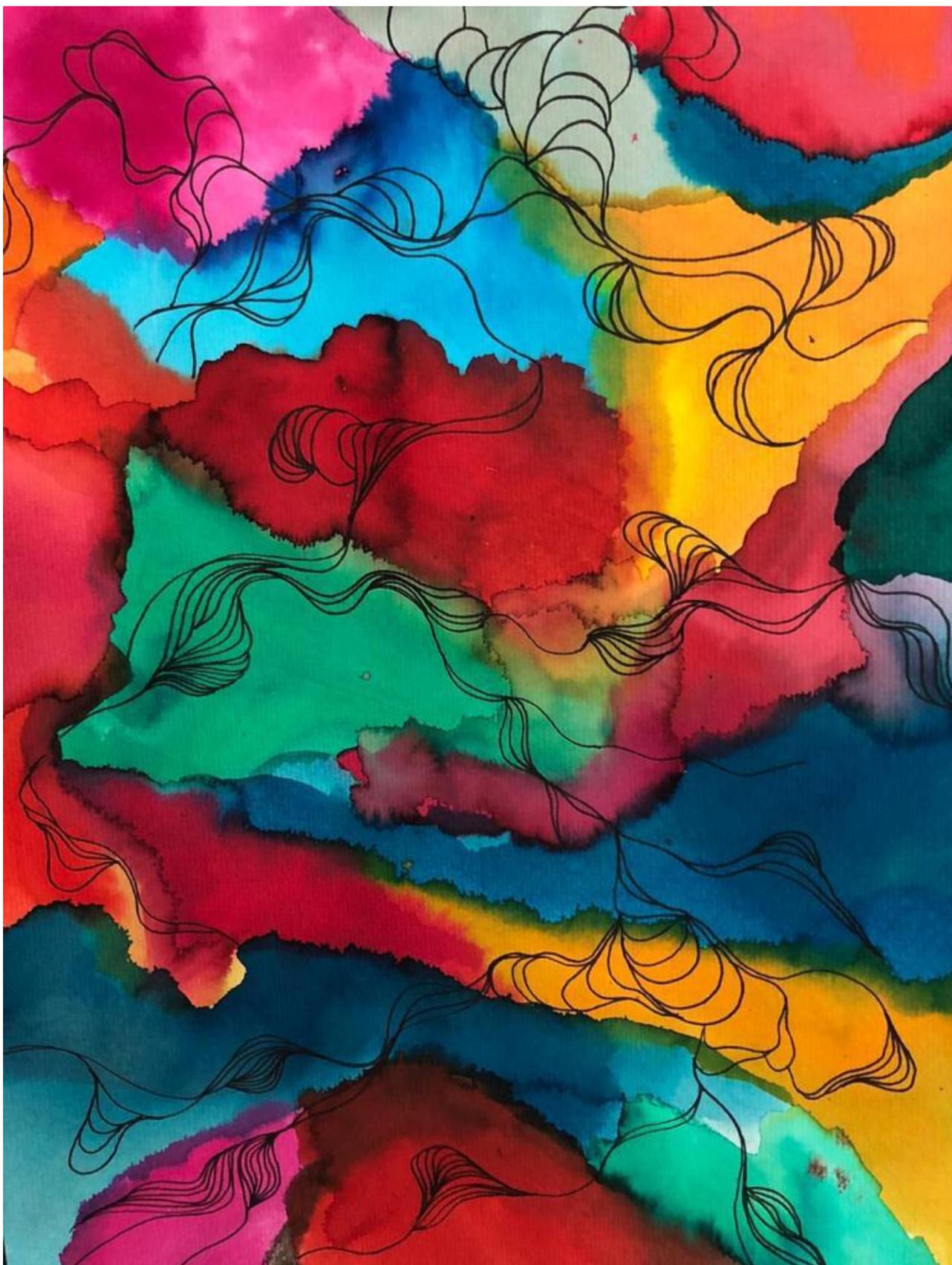
Novo paradigma; desenho digital; 55 x 45 cm; edição única; 2021

Daniela Veronesi Deboni



Ruptura; acrílica e colagem s/papel; 42 x 30 cm; 2021

Daniele Bloris



Visita; aquarela e nanquim s/ papel; 39 x 42 cm; 2020

Débora Carneiro da Cunha



Abapuru Bandeira; acrílica s/tela; 180 x 80 cm; 2021

Dirce Fett



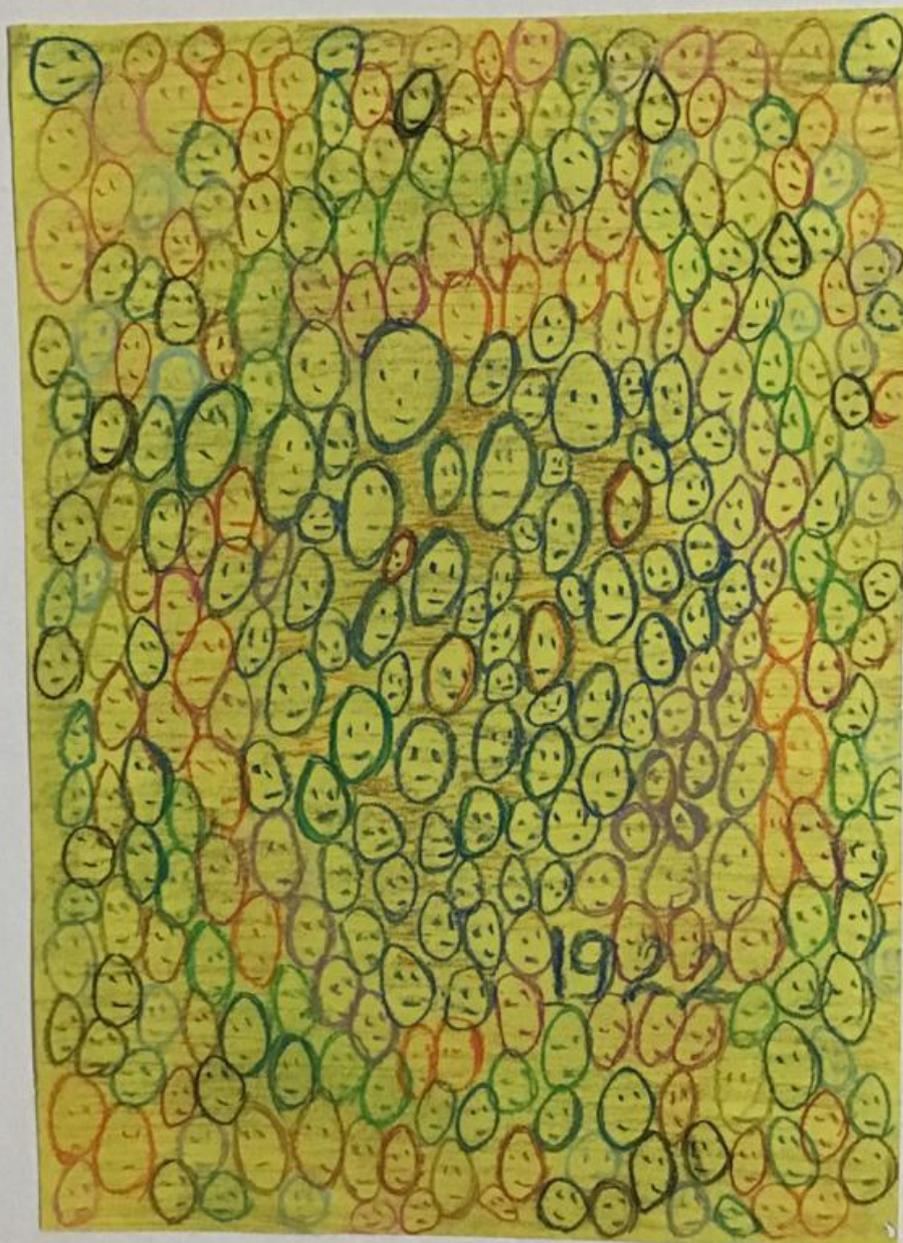
Autorretrato; acrílica e óleo s/tela; 80 x 120 cm; 2007

Dulce Lysyj



Devora- te a ti mesmo!; fotografia em papel fine art; 30 x 40 cm; 2011

Edwiges Barros



Somos todos amarelos; desenho com pastel oleoso; 21 x 29,5cm

Eliane Lamarca



Tango; cerâmica e acrílica; 40 x 20 cm; 2015

Evandro Aguiar



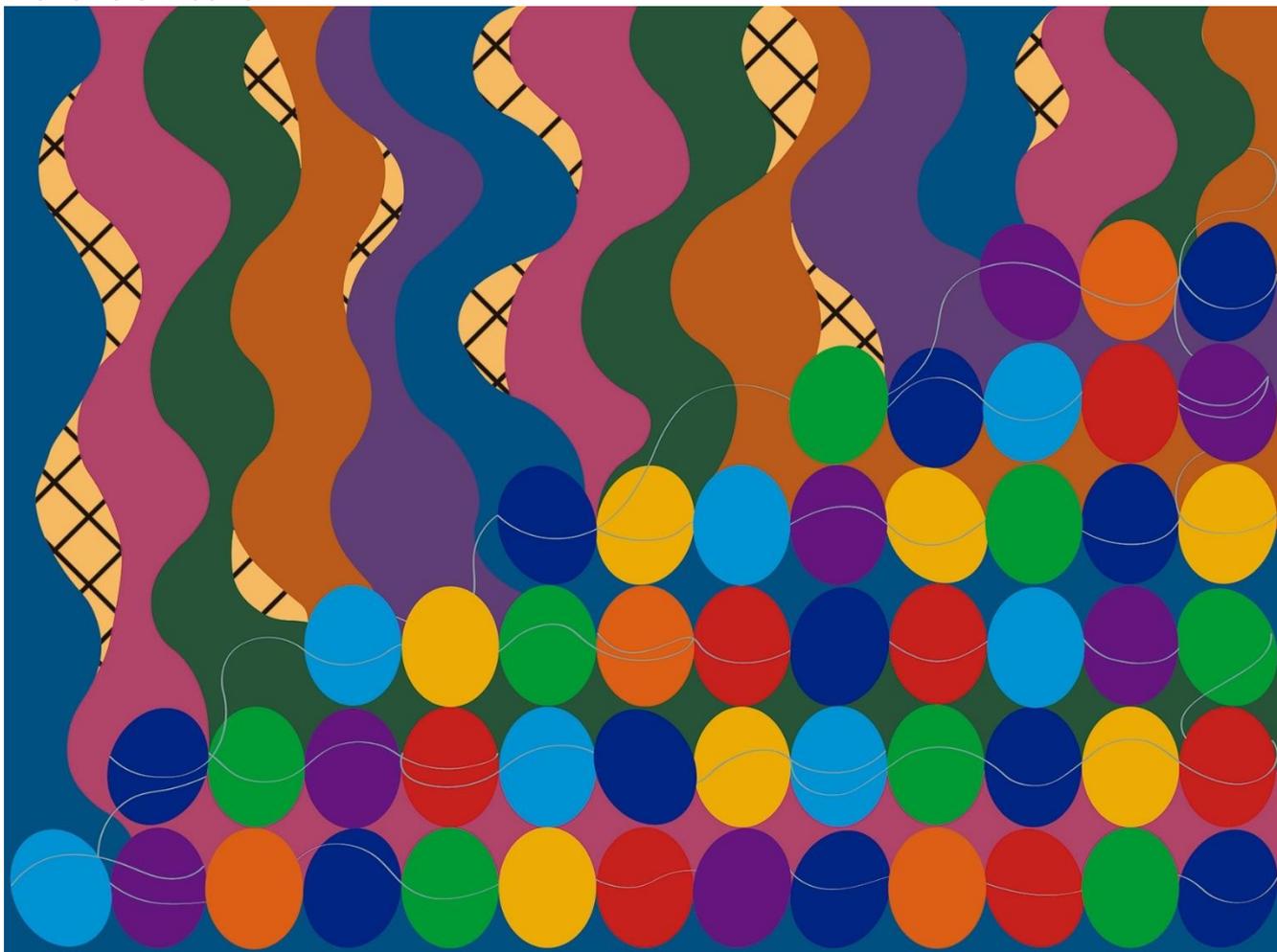
Mulher em Azul, série Faces; acrílica s/ linho; 95 x 65 cm

Fernando Brum



Sem título; óleo s/tela; 40 x 50 cm; 2020

Francinete Alberton



Tributo a Tarsila; pintura digital impressão fine-art; tiragem única; 60 x 80 cm;
2021

Gabriela Tenenbaum



Cotidiano; acrílica s/tela; 120 x 80 cm

Galvão Jr.



A floresta do Amazonas; técnica mista s/ madeira; 150 x 270 cm; 2021

Gloria Conforto



Minas Gerais expressionista; óleo s/ tela; 40 x 40 cm; 2019

Graça Pizá



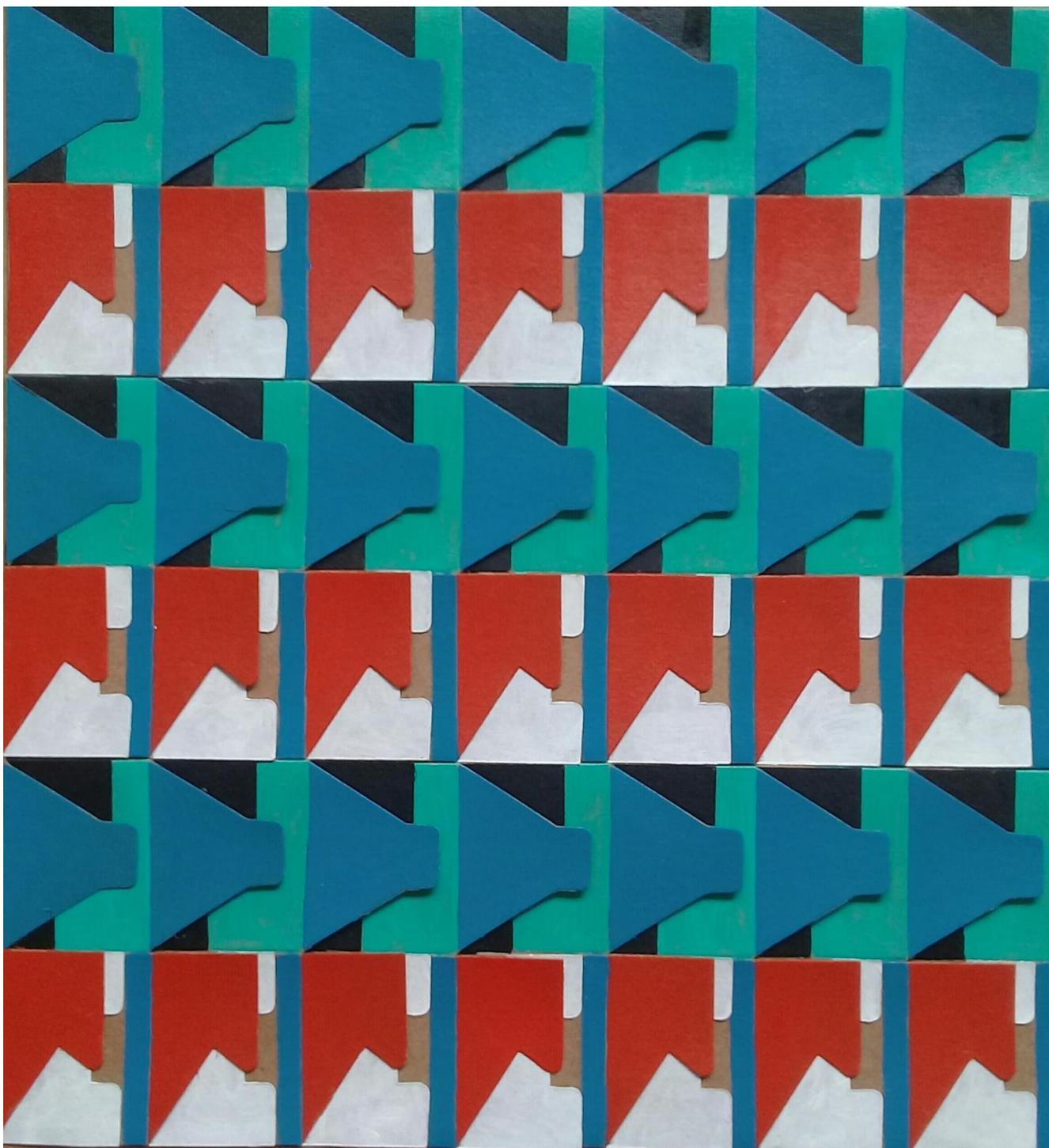
Rudá; escultura: borracha, plástico, papel, nylon, gancho metálico
300 x 200 x 200 x 120 cm; 2021

Guilherme Liduíno



Homenagem a Tarsila; aquarela s/ papel; 42 x 60 cm; 2021

Helena Wassersten



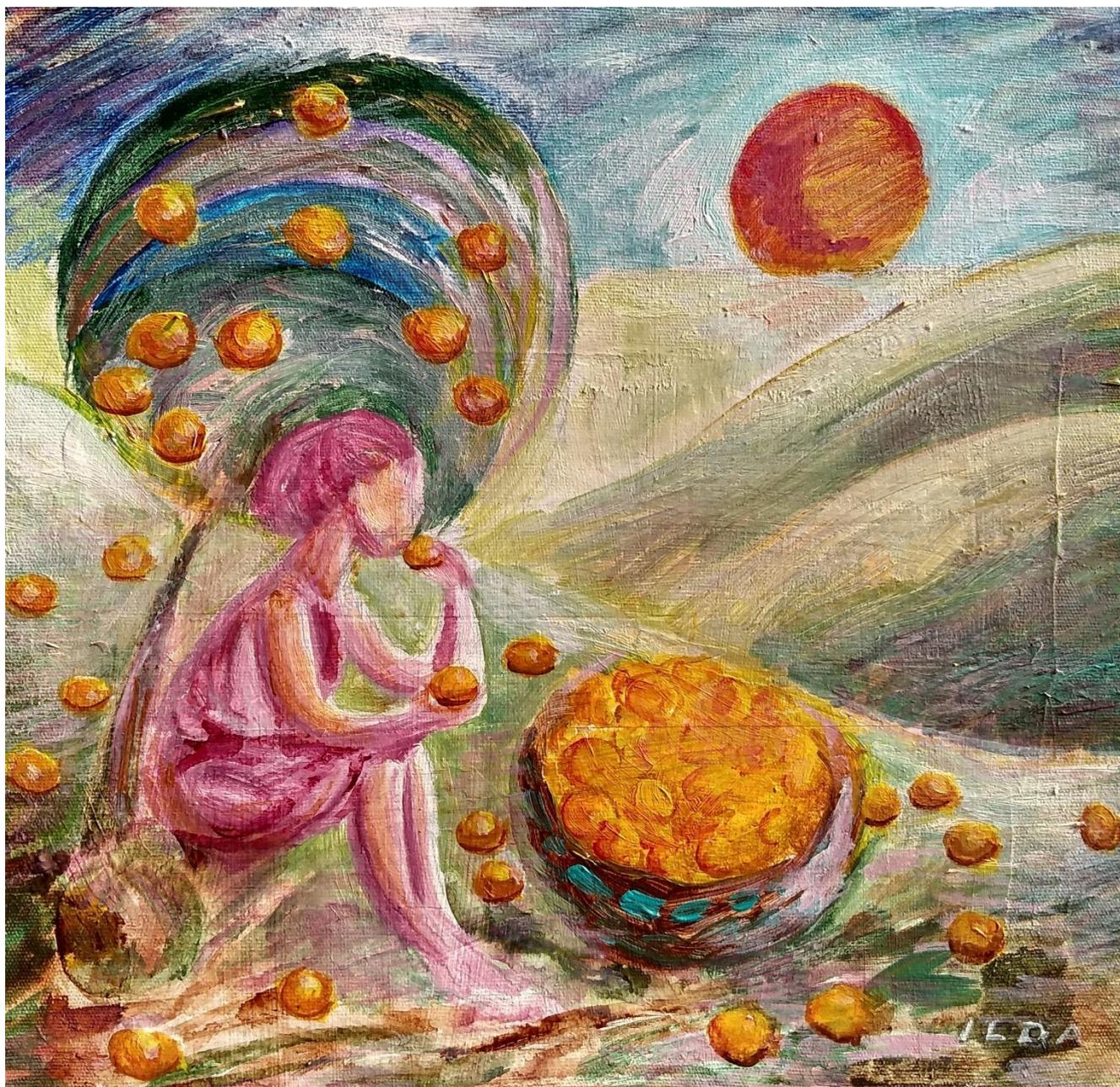
Bandeirolas; caixas de papel Kraft, acrílica e cola; 33 x 36 cm; 2021

Hortensia Pecegueiro



O poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia; acrílica s/ papel
Canson; 75,5 x 56 cm; 2021

Ilda Fuchshuber Falacio



Pé de tangerina; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2021

Traceia de Oliveira



Antropofagia; rolinhos de papel higiênico pintados em acrílica s/ prancha pluma; 50 x 66 cm; 2021

Isabella Marinho



Sem título; colagem de papel s/ tela, acrílica e carvão; 160 x 160 cm; 2018

Isis Braga



A Flor Violeta; crayon e aquarela; 27 x 22 cm; 2021

Jarbas Paullous



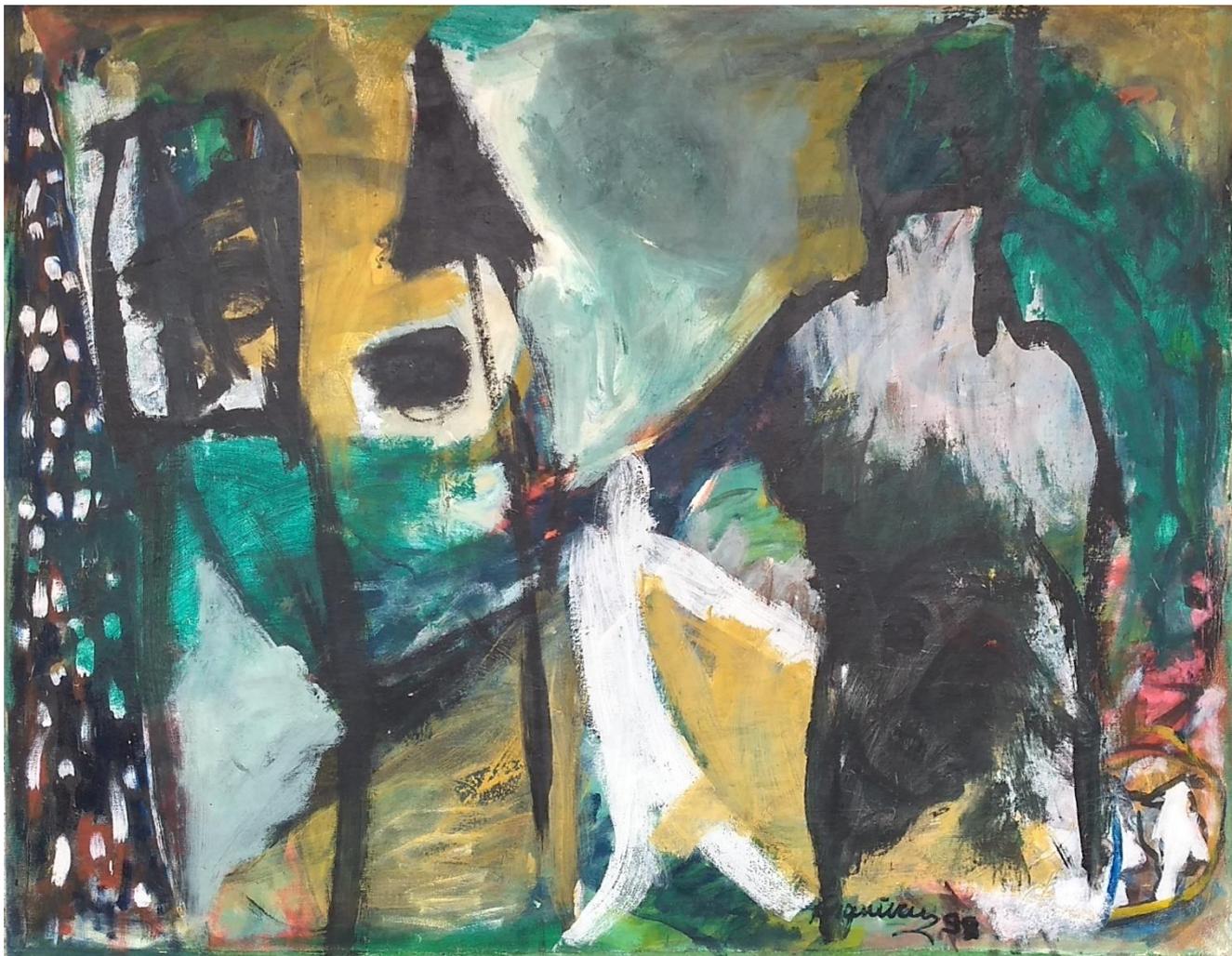
Cuca – Pererê; performance; 31 segundos; 2021 e fotografia digital impressão fine art, tiragem 5; 40 x 30 cm; 2021

Joel Gama



Villa 22; imprimi ss o sobre aguada em algodão misto; 60 x 95 cm; 2021

Jorge Cerqueira



Desvairada; óleo s/tela; 110 x 140 cm; 2018

Jorge Duarte



Abaporu vermelho; acrílica s/ tela; 48 x 33 cm; 2021

Judite Alice



Espelho d'Água; acrílica em papel cartão; 65 x 96 cm; 2019

Kátia Ancora da Luz



Número 3; acrílica s/ MDF; 40 x 40 cm; 2017

Katia Politzer



Anita/Tarsila, Díptico; tecido de algodão, foto em tecido, tinta acrílica, bordado, vidro; 85 x 100 cm; 2019

Lando Faria



Voile; vídeo; 1'42"; 2021

Laura Vivacqua



Cactos; acrílica s/ madeira recortada; 60 x 93 cm; 2021

Lea Soibelman



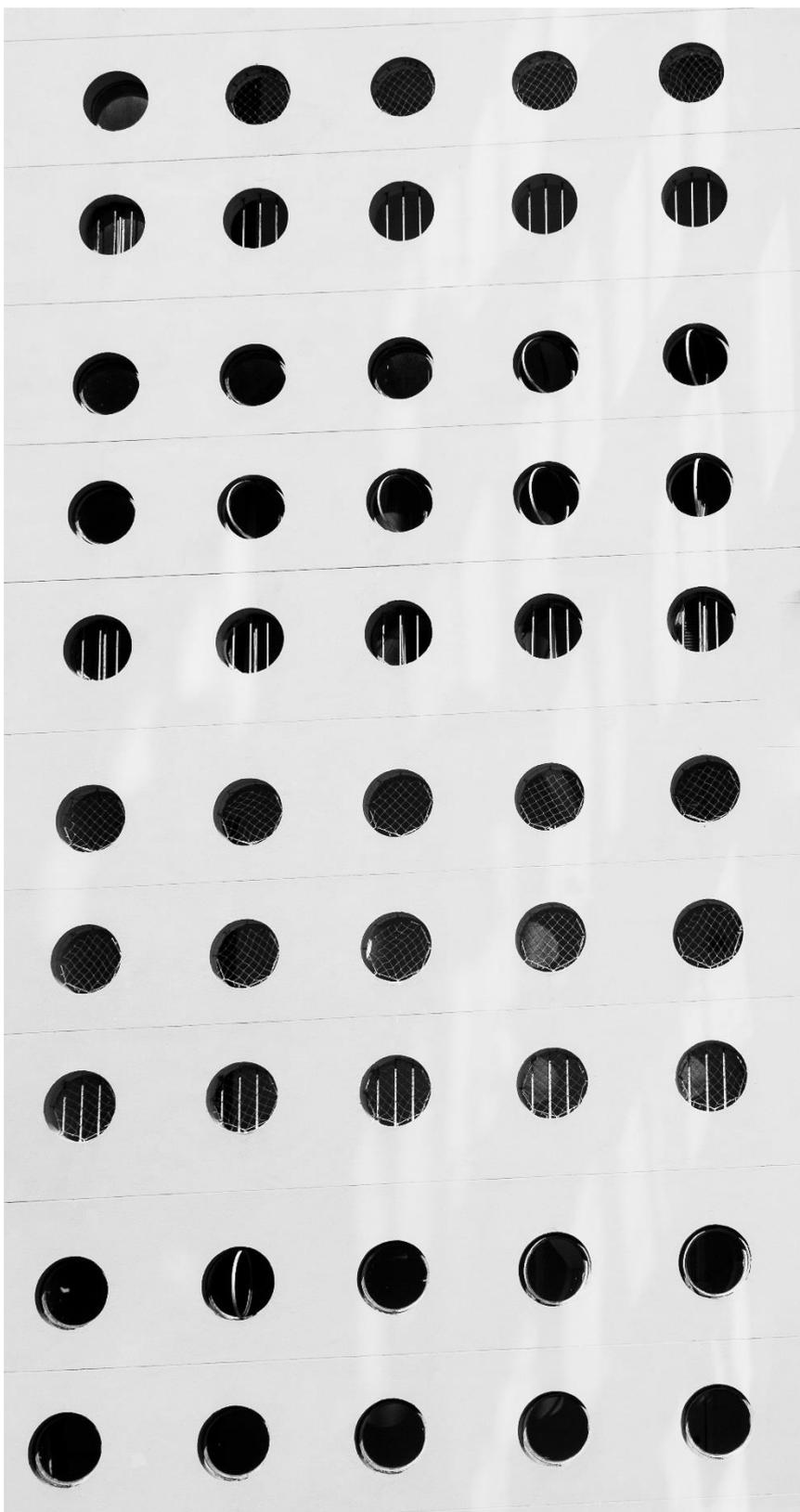
Graphotáctil; gravura em metal, ponta seca, carborundum, papel artesanal feito pela artista; 70 x 100 cm; 2017

Lenn Cavalcanti



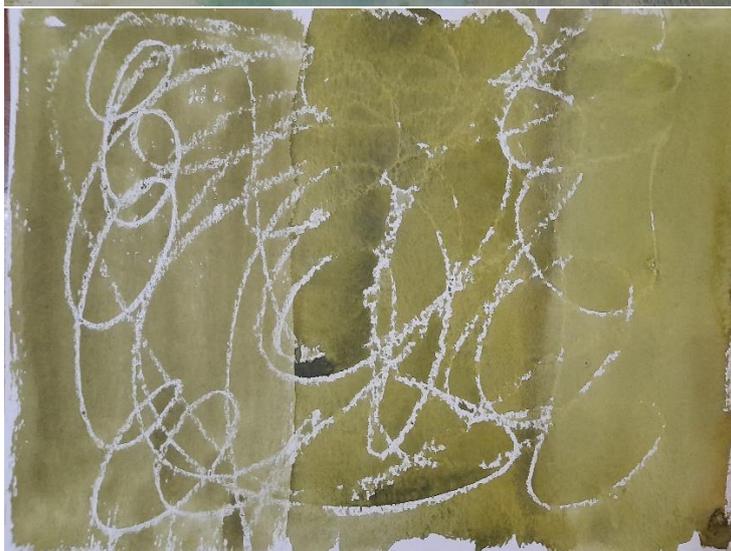
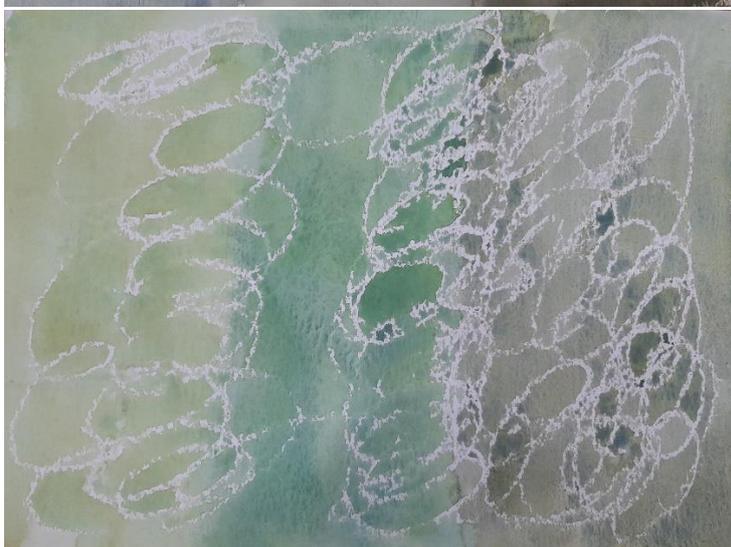
Sem título (semana de 22); acrílica s/tela; 40 x 40 cm; 2021

Let Cotrim



Geometria; fotografia digital impressão fine-art em papel Hahnemühle Baryta;
tiragem: 10; 21 x 39 cm; 2021

Leticia Potengy



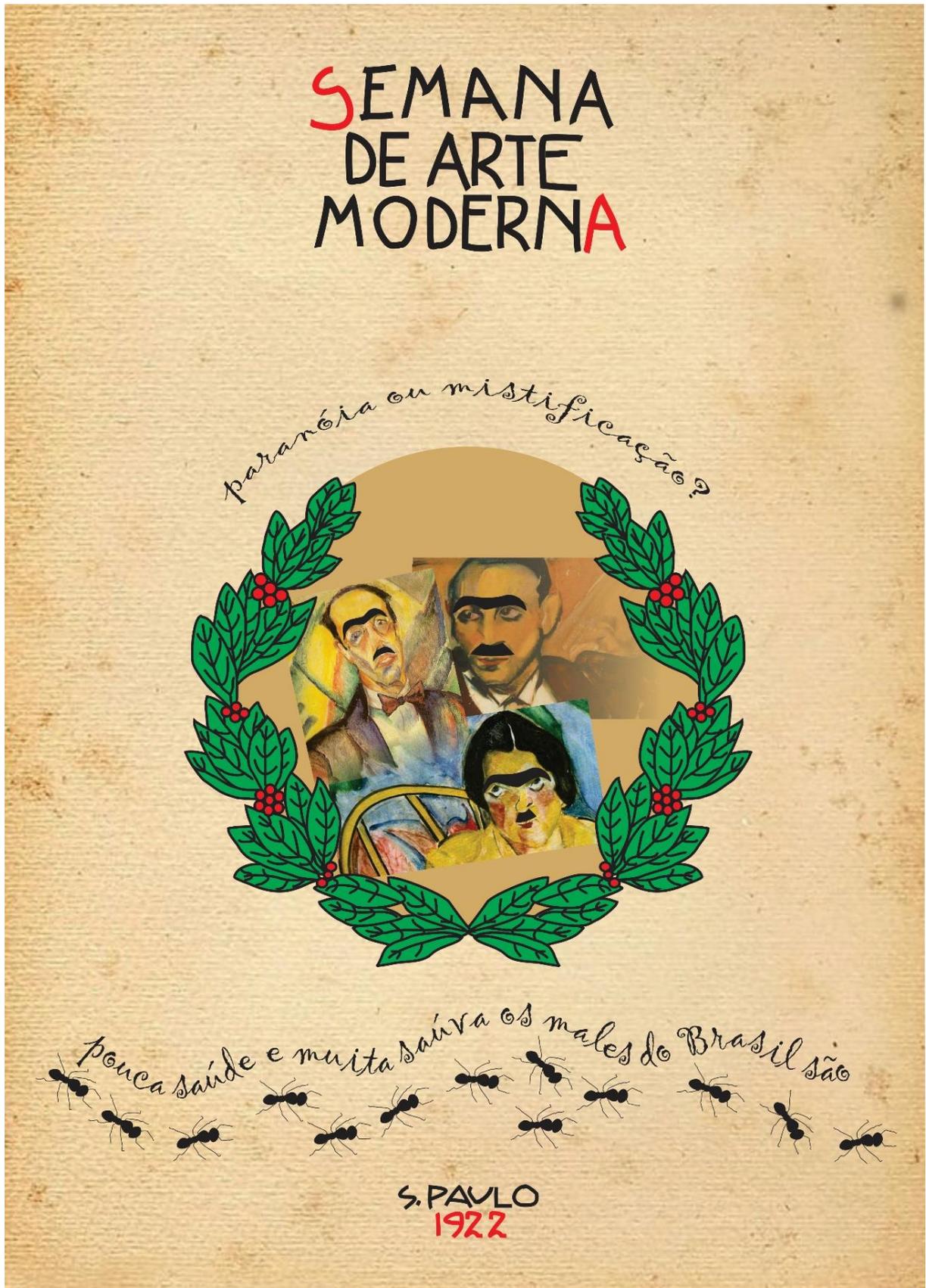
Nove tons de verde; aquarela e giz de cera; 100 x 30 cm; 2021

Lia do Rio



Pedra fundamental; granito bruto; 10 cm de lado; 2021

Liana Gonzalez



Cartaz para Di; desenho digital elaborado no Corel Draw; tiragem 10 prints; 21 x 29 cm; 2021

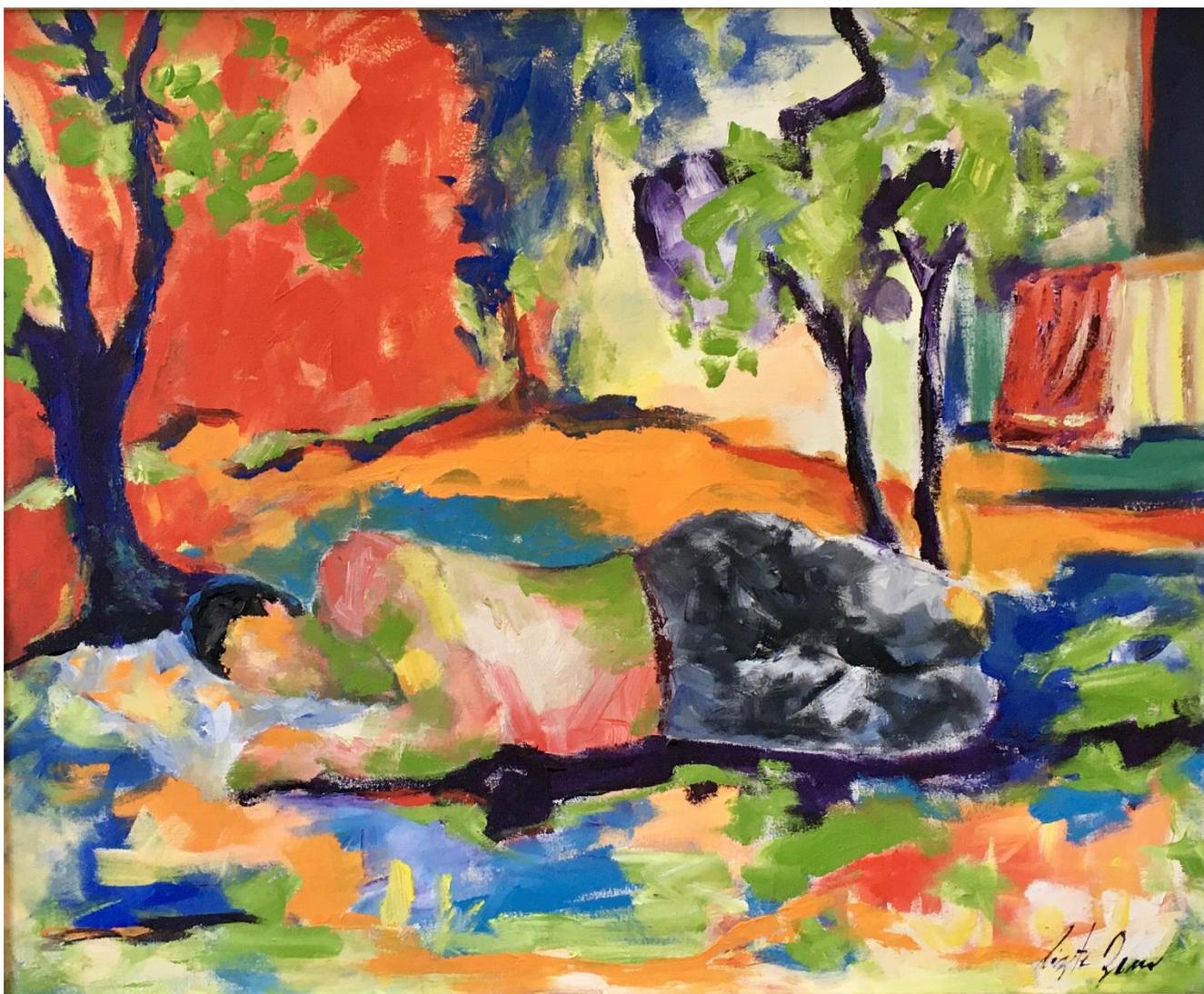
Liane Briand



Mulher Azul; acrílica s/ Tela; 40 x 40 cm; 2021

Em minha interpretação da Semana de Arte Moderna, dei ênfase as cores nacionalistas, revelando o amor à Pátria. A MULHER AZUL destaca-se chamando a atenção para o ser humano que hoje, mais do que nunca, NÃO deve ter distinção de raça, cores ou credos. Uma homenagem à arte de Anita Malfatti e todos os artistas modernistas.

Lizete Zem



Sesta; acrílica s/ tela; 50 x 60 cm; 1997

Lucia Lyra



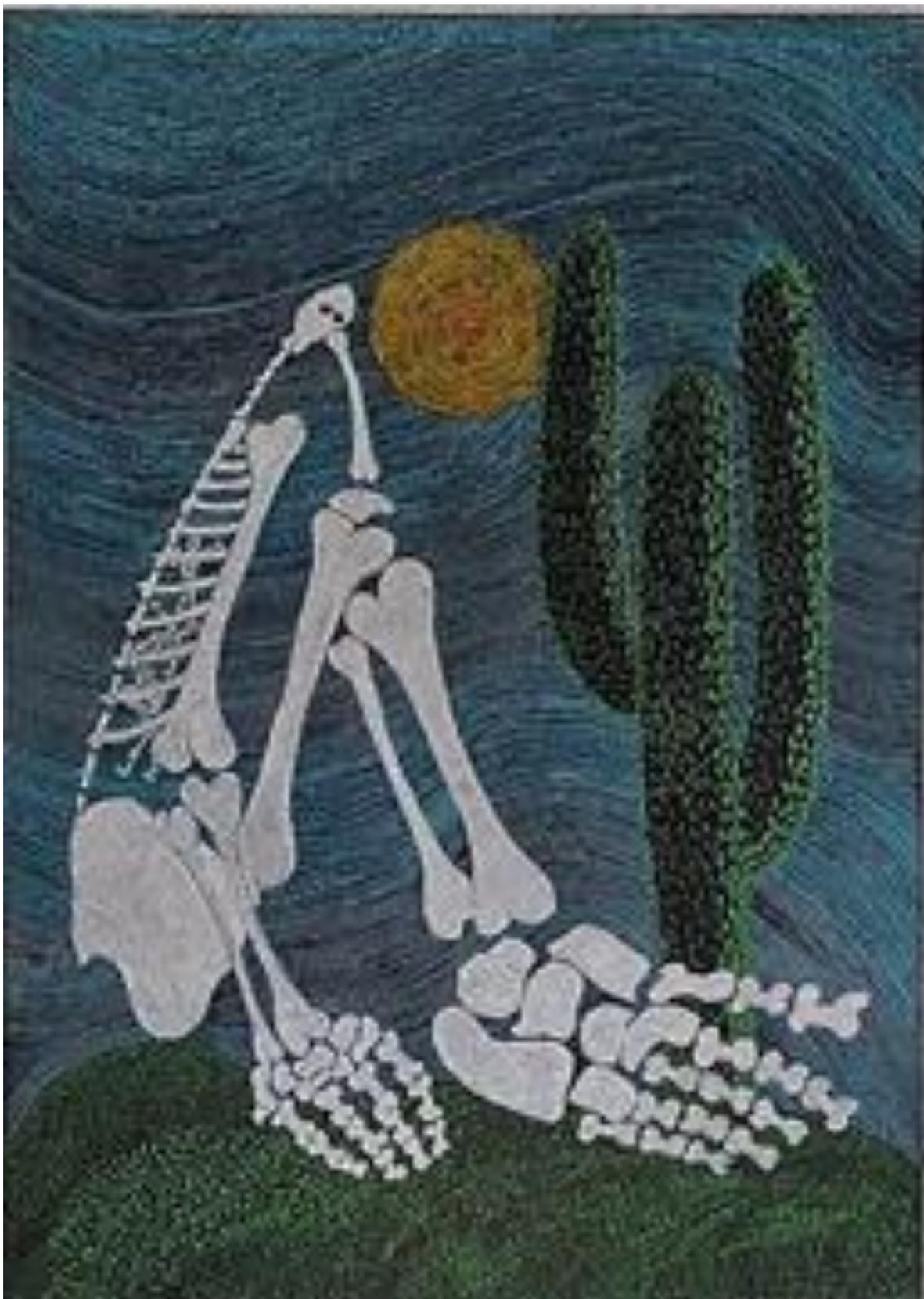
Onda; acrílica s/painel; 60 x 60 cm; 2021

Márcia Cavalcanti



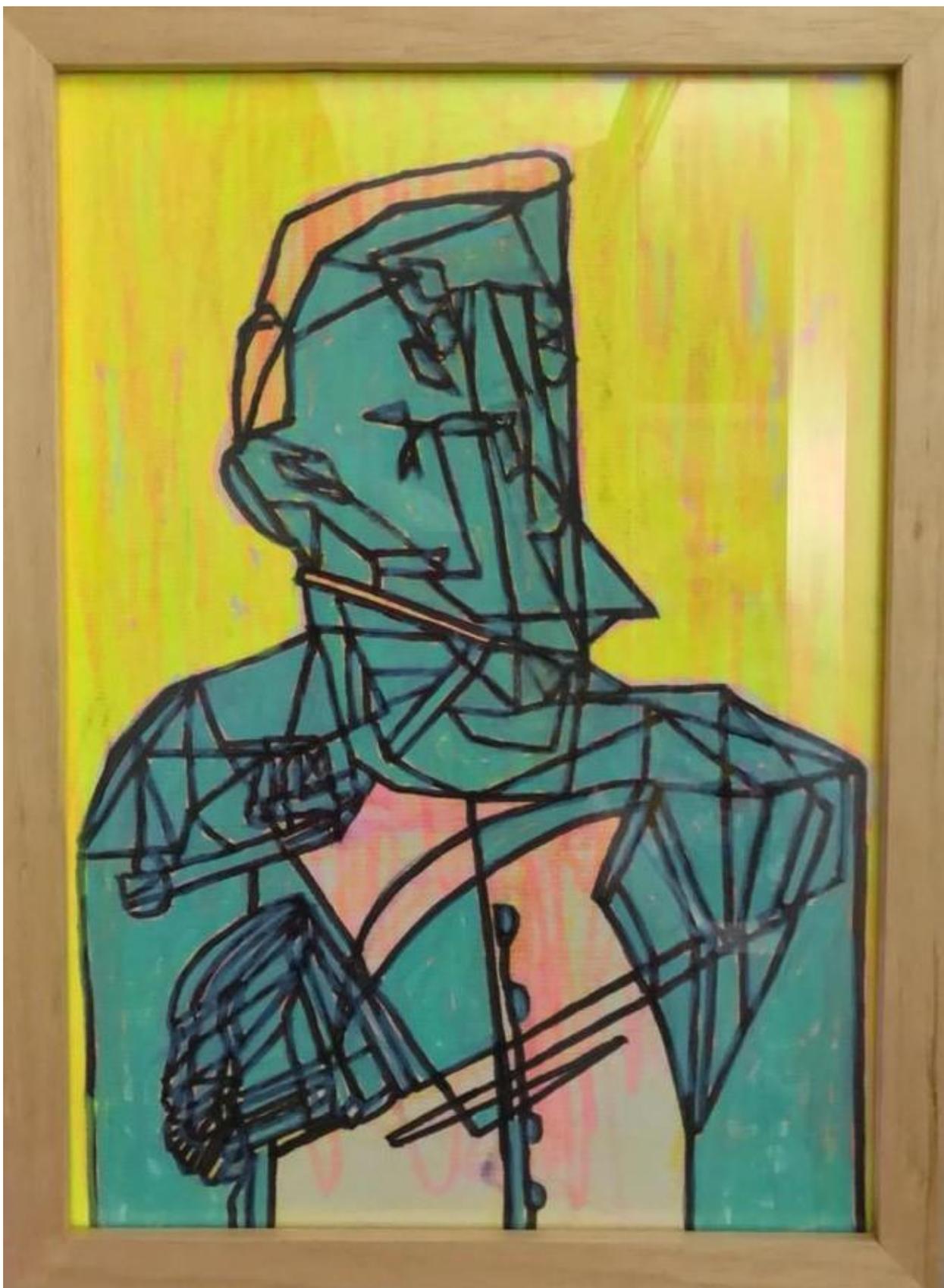
Sem título; óleo s/tela; 31 x 41 cm; 2021

Marcio Antonelli



A siesta (Raio X); acrílica e revelo dimensional s/ tela; 50 x 70 cm

Marcio Atherino



Sem título; técnica mista s/ papel; 21 x 29 cm; 2021

Maria Cecília Leão



Pulsão de vida (Meus autorretratos) (díptico vertical); fotografia digital, impressão fine art em papel Hahnemuhle PhotoRag 310g.; tiragem: 1/5; 40 x 30 cm; 2021

Maria Perdigão



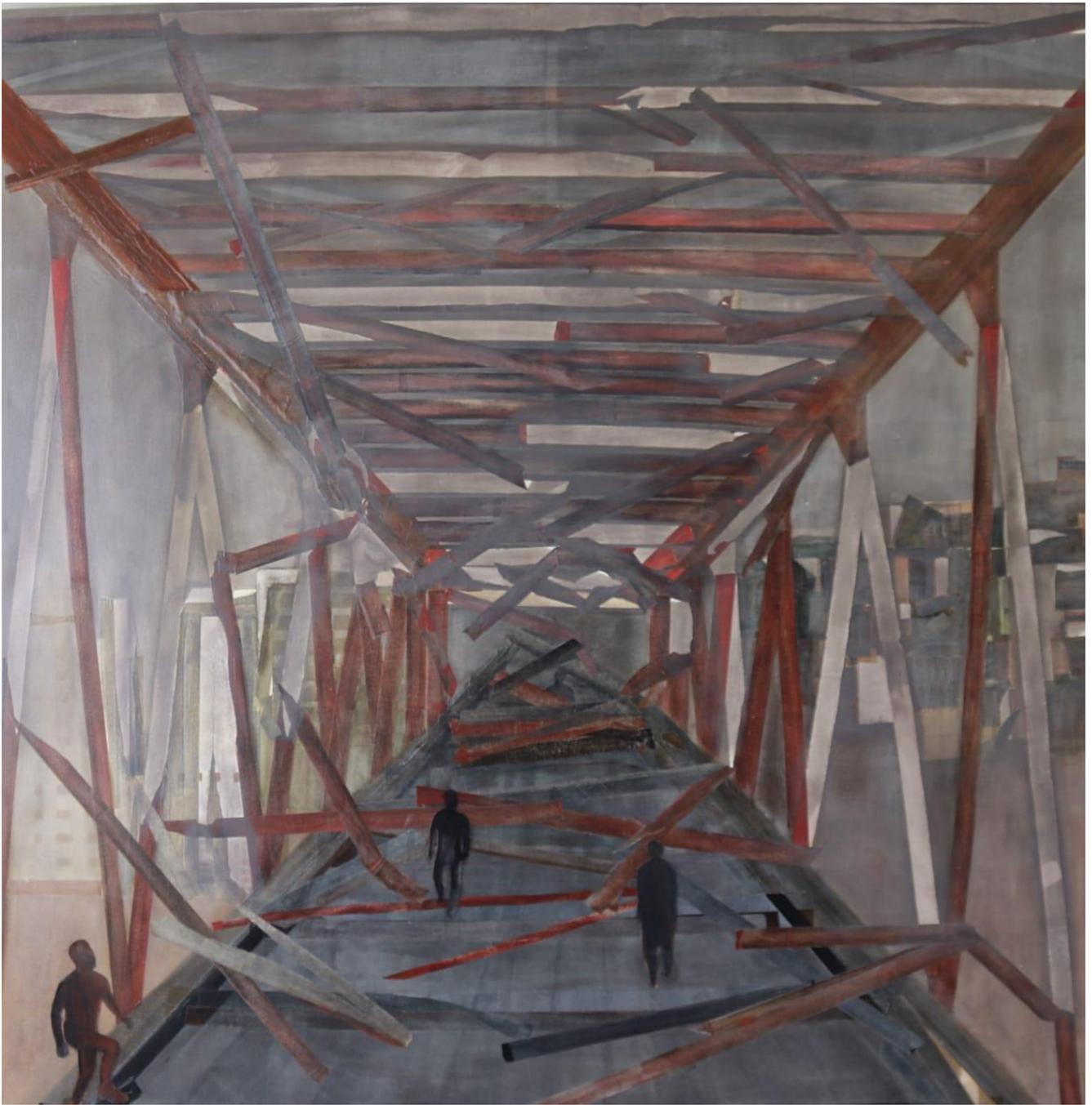
Homenagem a Mario de Andrade; técnica mista s/ papel artesanal indiano; 37 x 27 cm imagem, 50 x 40 cm com moldura; 2021

Mariana Campos



Flamingos; acrílico s/ tela; 33 x 62,5 cm

Mariza Vescovini



Ruptura; acrílica s/ tela e fita crepe; 150 x 140 cm; 2010

MarQo Rocha



Musas Difusas; acrílica s/ lona; 125 x 110 cm; 2015

Martha Pires Ferreira



DI 22; desenho s/papel Canson, colagem, bico de pena e aquarela; 38 x 25 cm; 2021

Marta Bonimond



Quebra cabeça da Tarsila (políptico); acrílica s/ 15 peças de cimento; Diâmetro aproximado 1,5 m²; 2021

Mary Di Iorio



Sem título; cerâmica alta temperatura + animação; 92 x 40 cm diâmetro; 2019

Maurício Theo



Todos Tupis ou Guaranis; fotografia digital s/ tela ou papel; 35 x 50 cm ou 45 x 90 cm; 2019

Morgana Souto Maior



Pisando em Ovos, série Palavras não são só palavras; acrílica, costuras e reuso s/ lona; diâmetro 40cm; 2021

Nilton Pinho



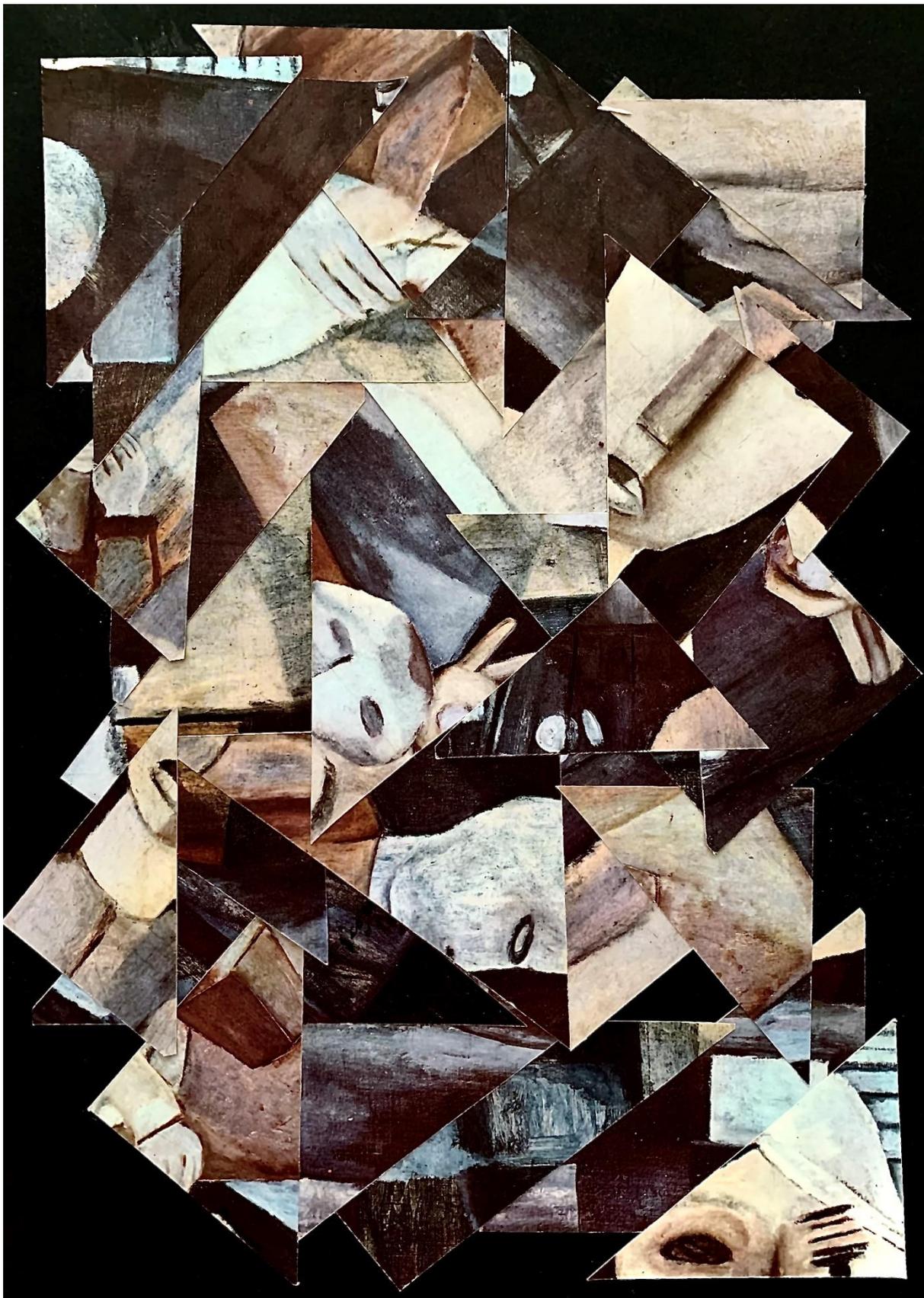
Mário; carvão s/ papel; 100 x 70 cm; 2021

Noemi Ribeiro



Condenados, Pau Brasil; digital composite a partir de fotografia de crianças escravas no século XIX, em fazenda de Minas Gerais, foto de autor desconhecido no acervo da Casa de Da. Josefa Maria da Glória em Diamantina, impressão em papel Canson algodão 100%; Tiragem 1/5; 29,7 x 40 cm; 2021

Patricia Figueiredo



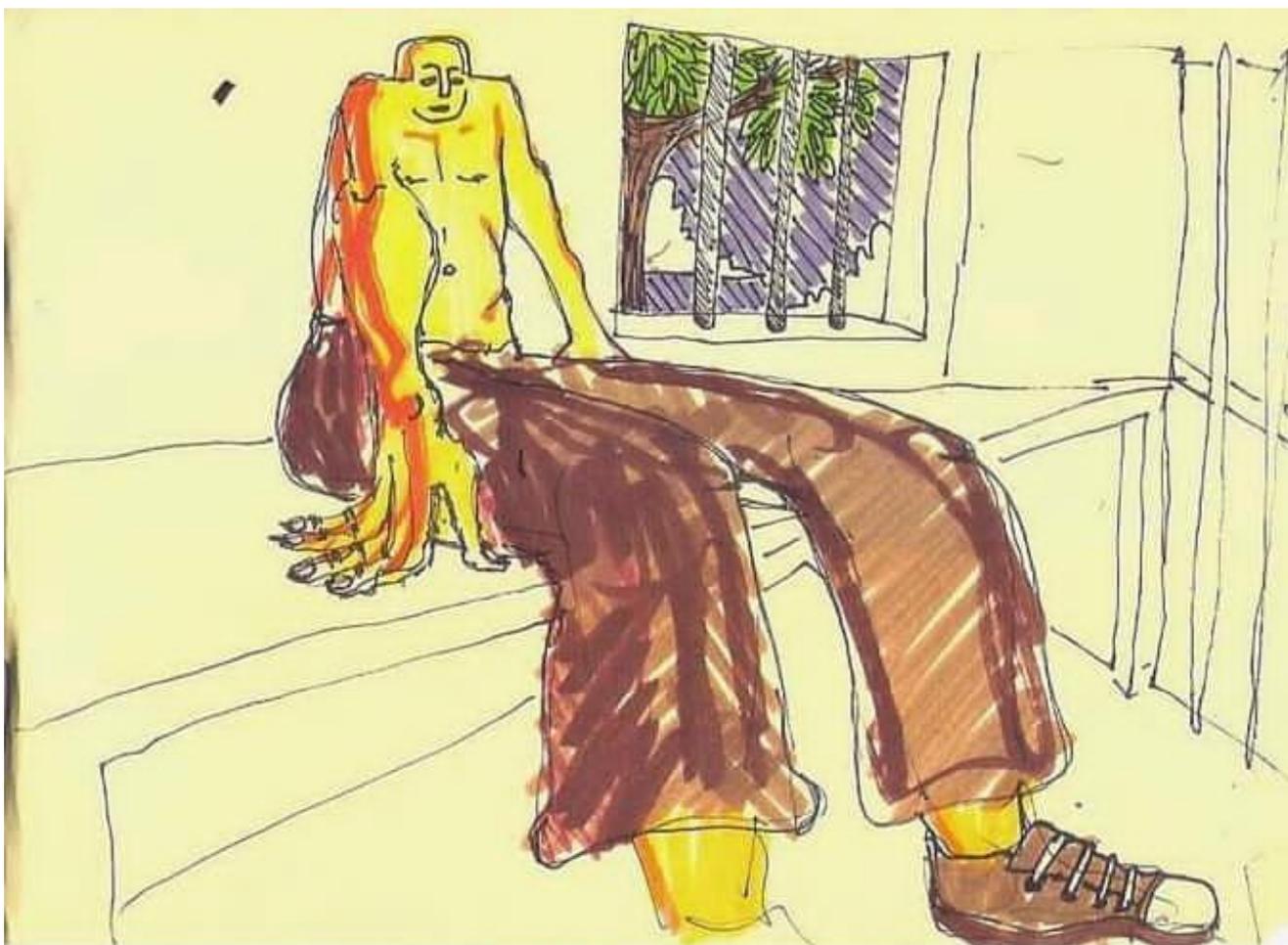
Interior de indigentes; colagem analógica; 21 x 29 cm; 2021

Paulo Mittelman



Lindoneia-2; fotografia trabalhada digitalmente, impressão fine art com tinta de pigmento mineral s/ papel especial de algodão; tiragem:10; 60 x 80 cm; 2013

Pedro Bento



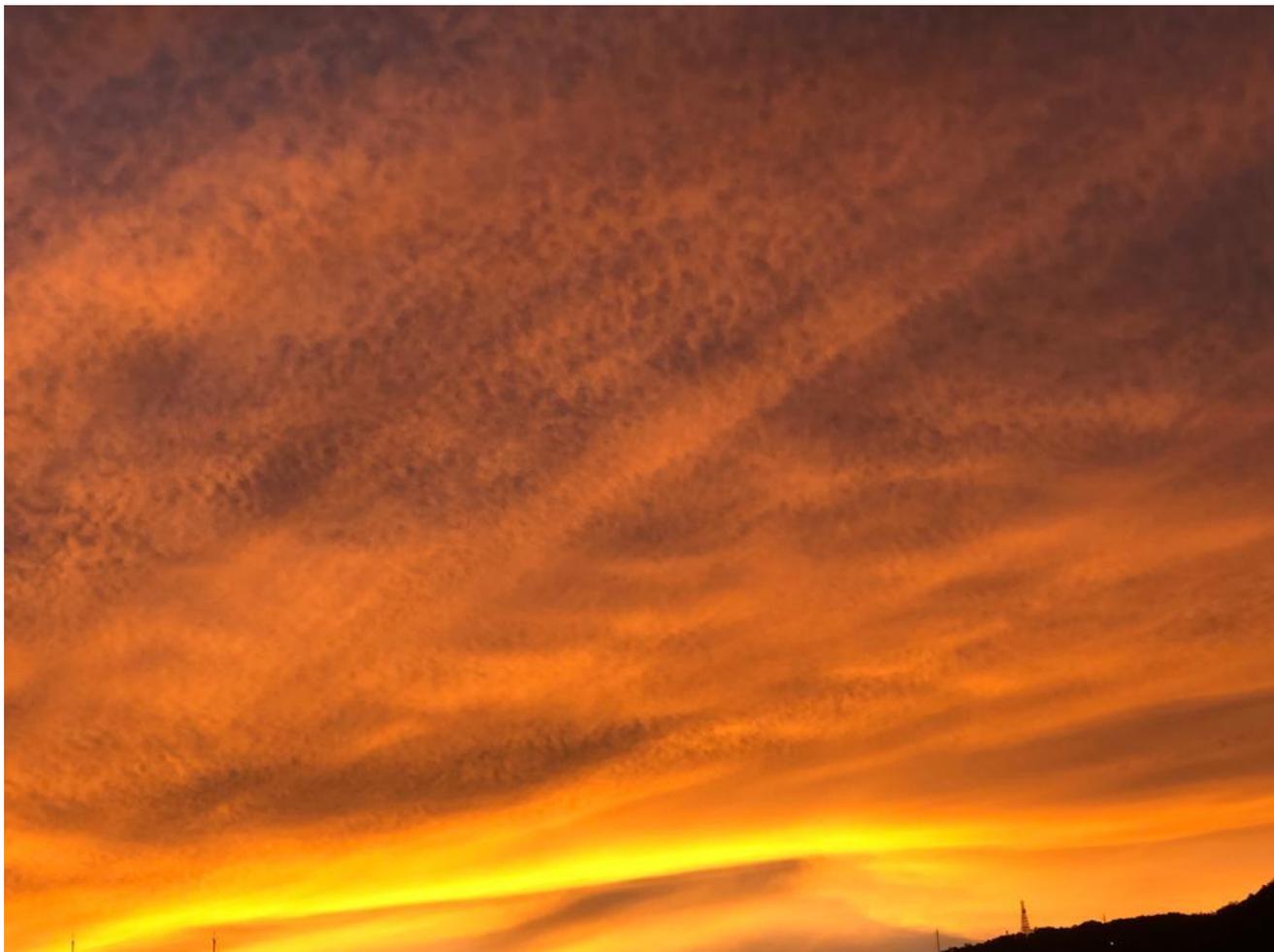
Sem título; hidrográfica s/ papel; 20 x 30 cm; 2021

Pedro Parente



O Mar vai virar Sertão; acrílica s/ canvas; 100 x 100 cm; 2021

Ranieri Mazzilli



Somos todos vinte e dois; fotografia digital, impressão fine arts; 21 x 29 cm;
2020

Na antiga redação o código penal no artigo 22 definia os loucos e os
inimputáveis...

Regina Helene



Útero

O óvulo fertilizado - idéia concebida
Trajeto definido - espaço acolhimento
Tempo de amadurecimento para o nascimento
Nos 100 anos da nossa independência - 1922
Foi quando nasceu **Brasilidade**
Cansada da República - a velha
Do café com leite
Almeja real liberdade de ser quem é
Sem francesismo , anglicismo
Quer tropicalismo
Singularidade expressar
Cantando nossas matas , cores , sabores
Cantando Nossa gente para o canto ecoar .
Viva Mario , Anita , Tarsila , Menotti e Oswald
Viva o anônimo que persiste em decifrar quem somos
Porque só sabendo alcançamos a autoestima
E só com autoestima chegamos a enraizar

Útero; plástico cristal, enchimento tingido, estampa digital transferida por sublimação, fio de sisal tingido, lã, galhos secos; 65 x 210 cm; 2021

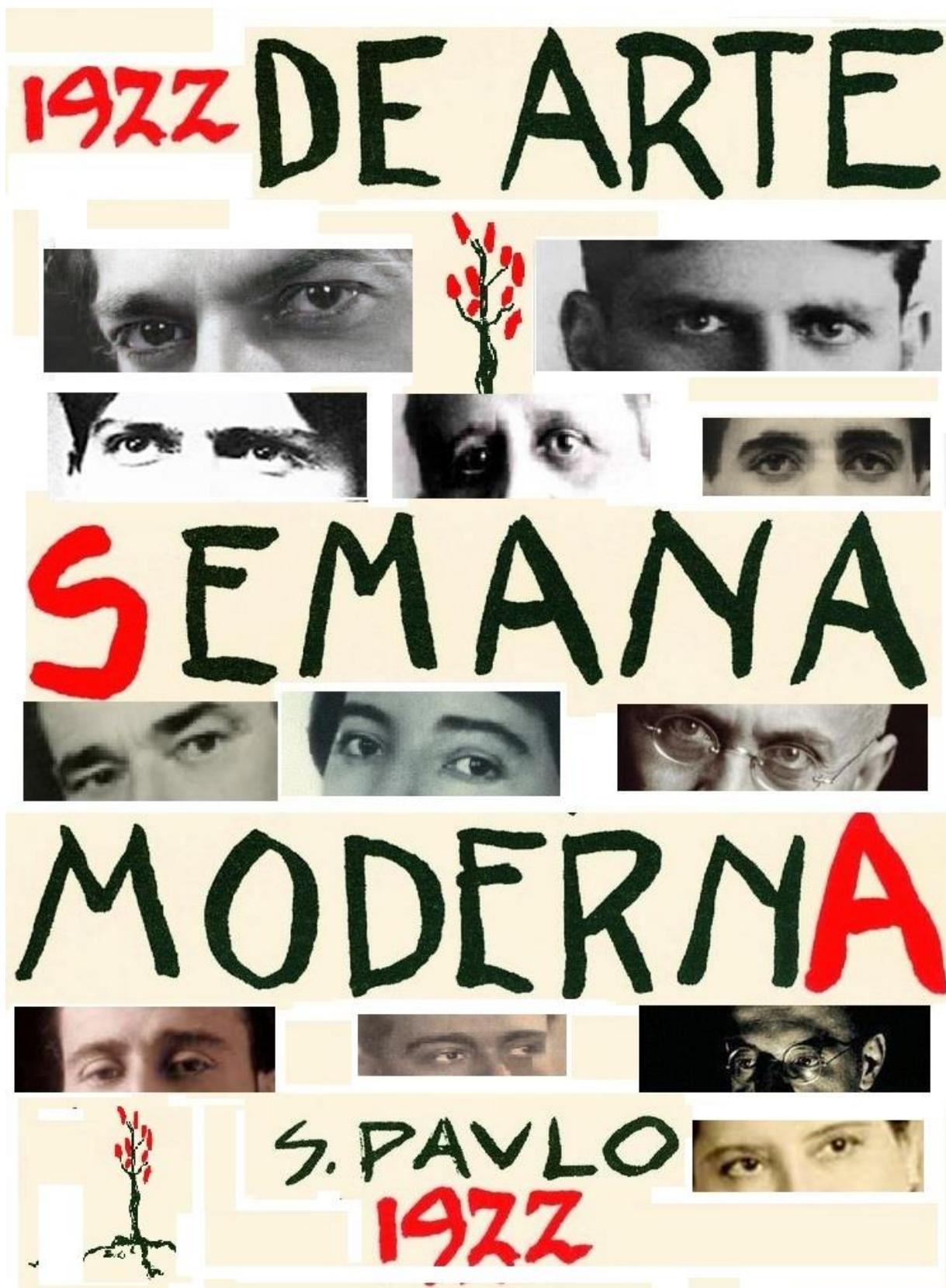
Regina Moura



Trans-mutação; técnica mista, impressão fine arts; 70 x 35 cm; 2021

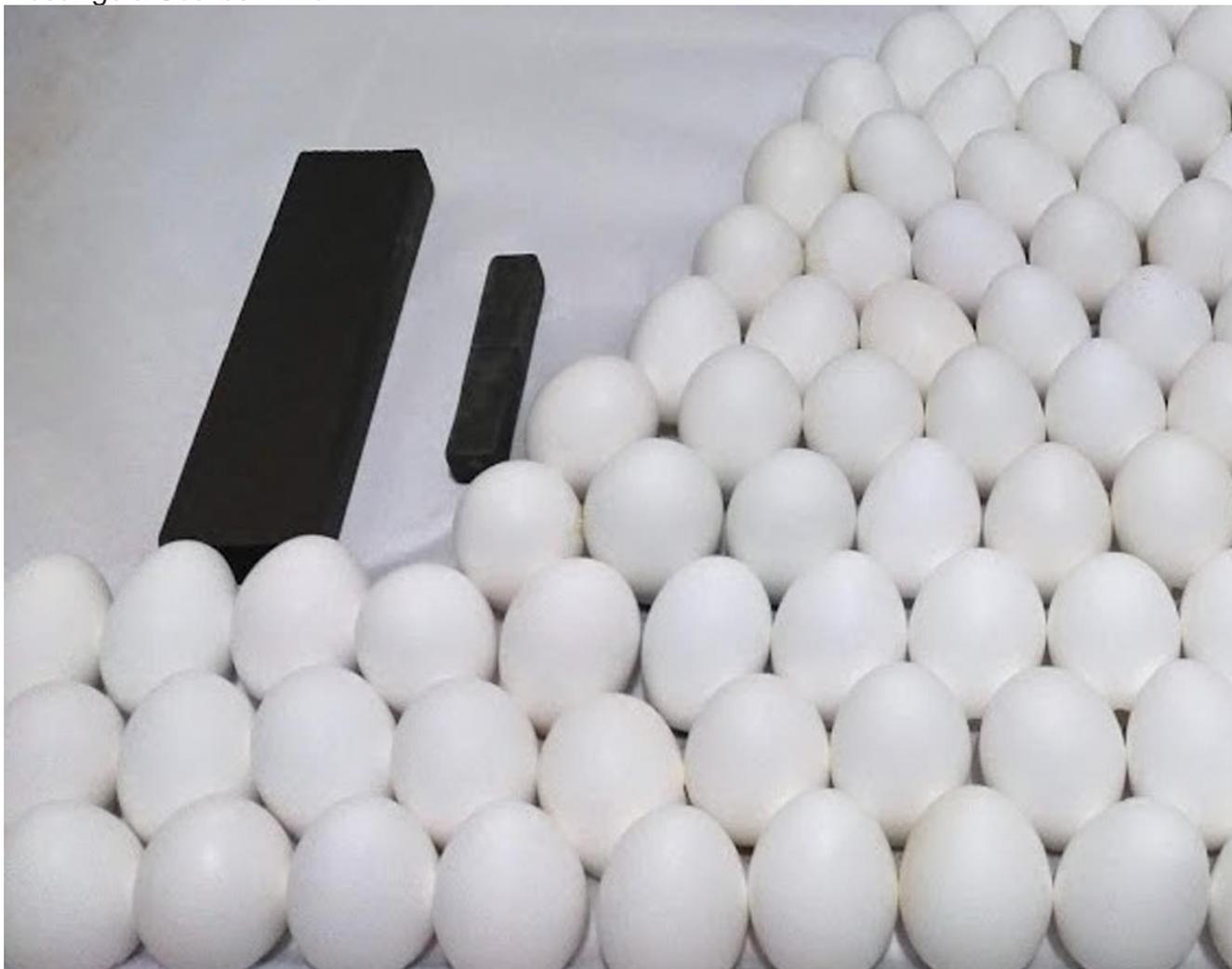
Semana de 22, momento simbólico que anuncia um novo tempo, novo olhar, nova arte - transmutações. Aqui, Manuel Bandeira em sua poética diz estar farto do lirismo comedido, bem comportado, "quero antes o lirismo dos loucos, o lirismo dos bêbados, dos clowns...não quero mais saber do lirismo que não é libertação".

Roberto Negri



Olhos modernistas; colagem, fotografia; impressão fine arts; 30 x 42 cm; 2021

Rosangela Soares Pinto



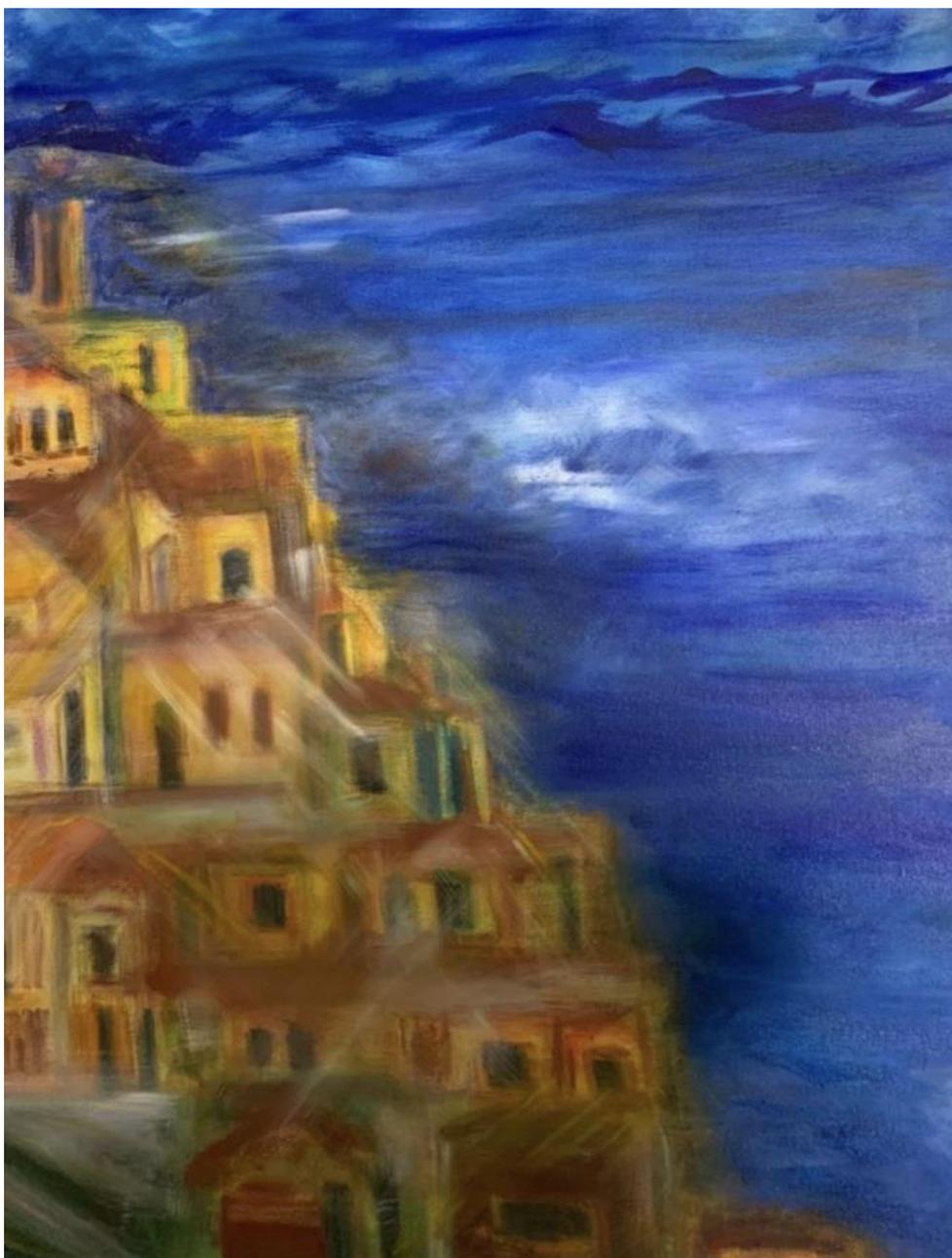
Staff; fotografia - colagem casca de ovos e pedra de amolar, impressão fine art, tiragem 1/5; 40 x 31 cm; 2021

Rose Aguiar



Auto-retrato; fotografia; 30 x 40 cm; tiragem 10; 2018

Rose Nobre



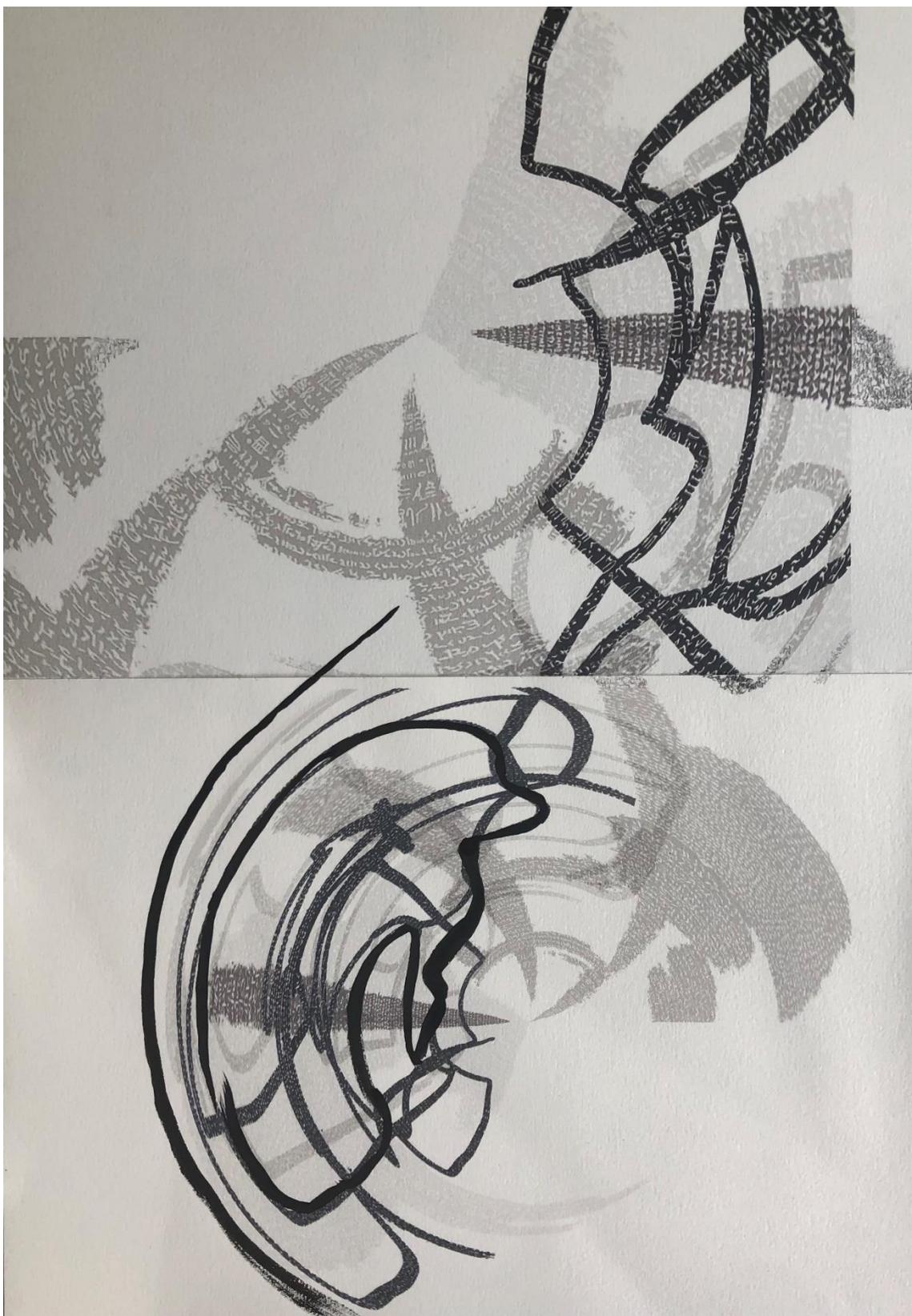
Favela; acrílica s/tela; 48 x 70 cm; 2018

Ó doce paz, ó meiga paz!...

...Derrame a verdade em cada casa; dê-lhe um livro, que é força;
dê educação, que é uma asa; pôr à janela as flores caprichosas,
pôr a fartura no limiar; e sobre ela fazer desabrochar
o riso, como desabrocham rosas...

Trecho do poema Exaltação da paz. In: Andrade, Mario (sob pseudônimo Sobral, Mario). Há uma gota de sangue em cada poema. Ed. Faria e Silva, São Paulo, 2020.

Rosi Baetas



Reverberações no gesto digital; nanquim, grafite e fotomontagem s/ papel Canson; 42 x 29 cm; 2021

Rossana Gobbi



A Boba; fusing ou fusão do vidro, retalhos de vidro e pó de vidros; 30 x 37,5 cm; 2021

Ryam Paès



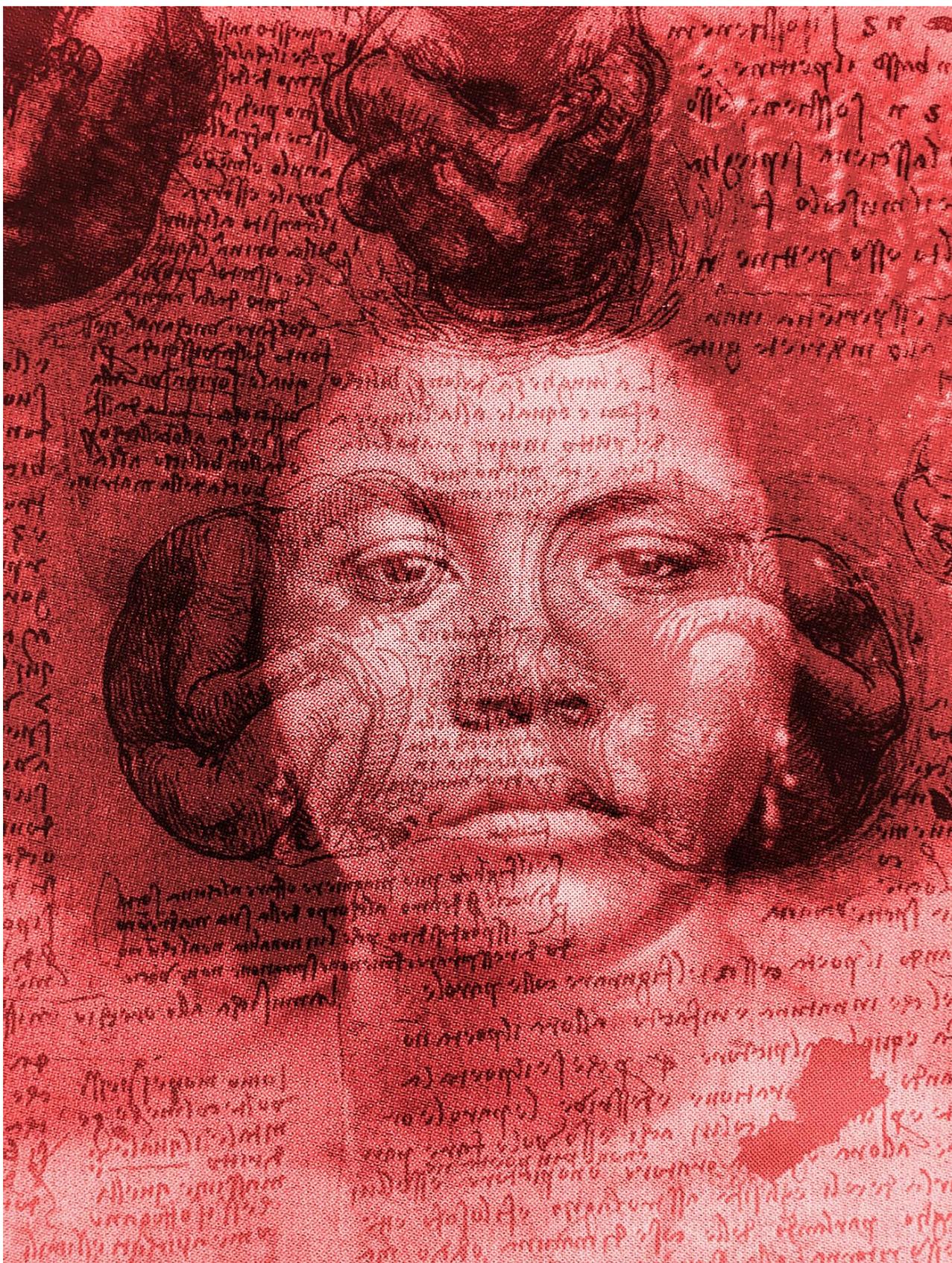
Encarnado; carvão e acrílica s/ papel; 29,7 x 42 cm; 2021

Salazar Figueiredo



Besouro - Já Pronto; objeto automobilístico com pintura em poliuretano suportado por moldura cusquenha em pintura acrílica; 40 x 57 cm; 2021

Sandra Gonçalves



Tudo dança, transmutação 14; impressão em pigmento mineral s/ papel 100% algodão, 308 gr.; 60 x 80 c; 2021, tiragem 1/8.

Simone Trombini



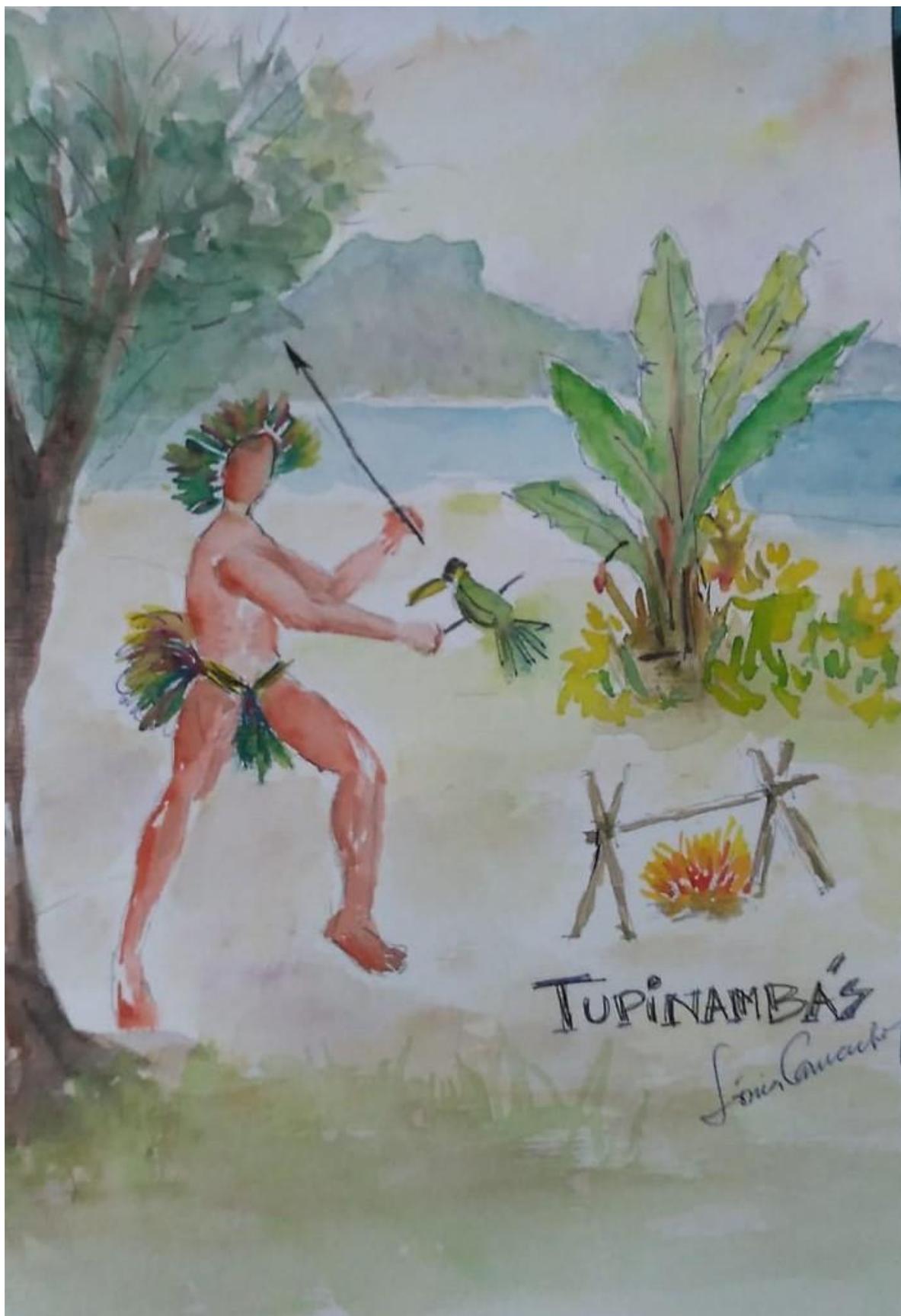
Abaporu salgado; fotografia (obra feita com sal rosa do Himalaia, laranja, pepino japonês e folhas secas de hibisco), impressão em tecido poliéster; tiragem 5; 100 x 80 cm; 2021

Sissi Kleuser



Grupo dos cinco; acrílica s/tela; 60 x 60 cm; 2021

Sonia Camacho



Tupinambás; aquarela s/ papel mix media Canson 300g/m2; 29 x 21 cm; 2021

Teresa Asmar



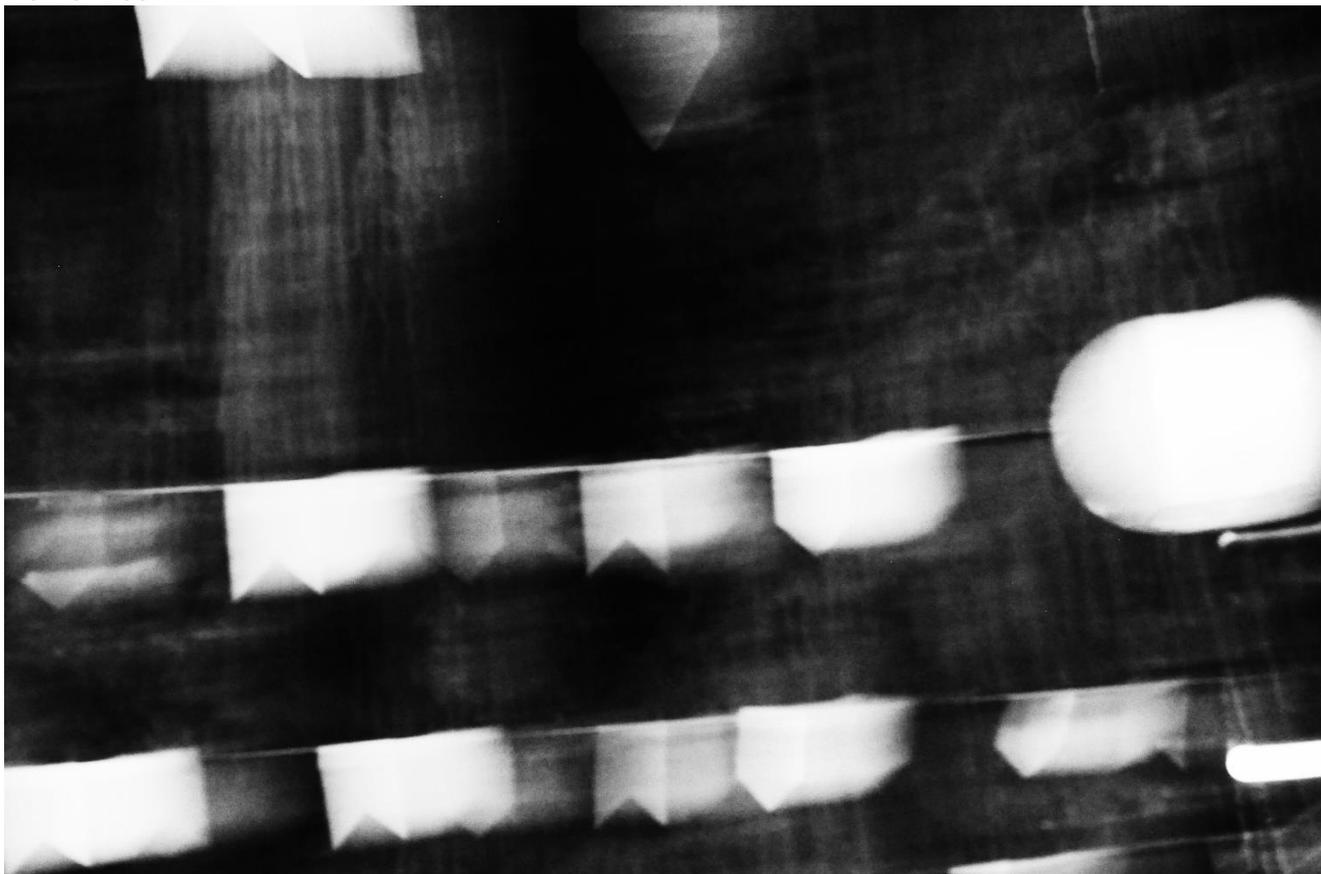
Verdes; acrílica s/ tela; 110 x 110 cm; 2021

Teresinha Mazzei



Cores da Tarsila, série Diálogo das Linhas; digital sobre fotografia de fios de cabelos, impressão fine art s/ canvas; tiragem 1/6; 60 x 40 cm; 2021

Vania Beatriz



Sem título; fotografia digital, pb, impressão fine art, tiragem 1/3; 20 x 13 cm;
2014

VeraLu



A Lua e o Ovo; óleo s/ tela; 50 x 50 cm; 2021

Vilma Lima



Brinco turquesa; acrílica e bordado s/ papelão; 29 x 53 cm; 2020

Vitoria Szejnman



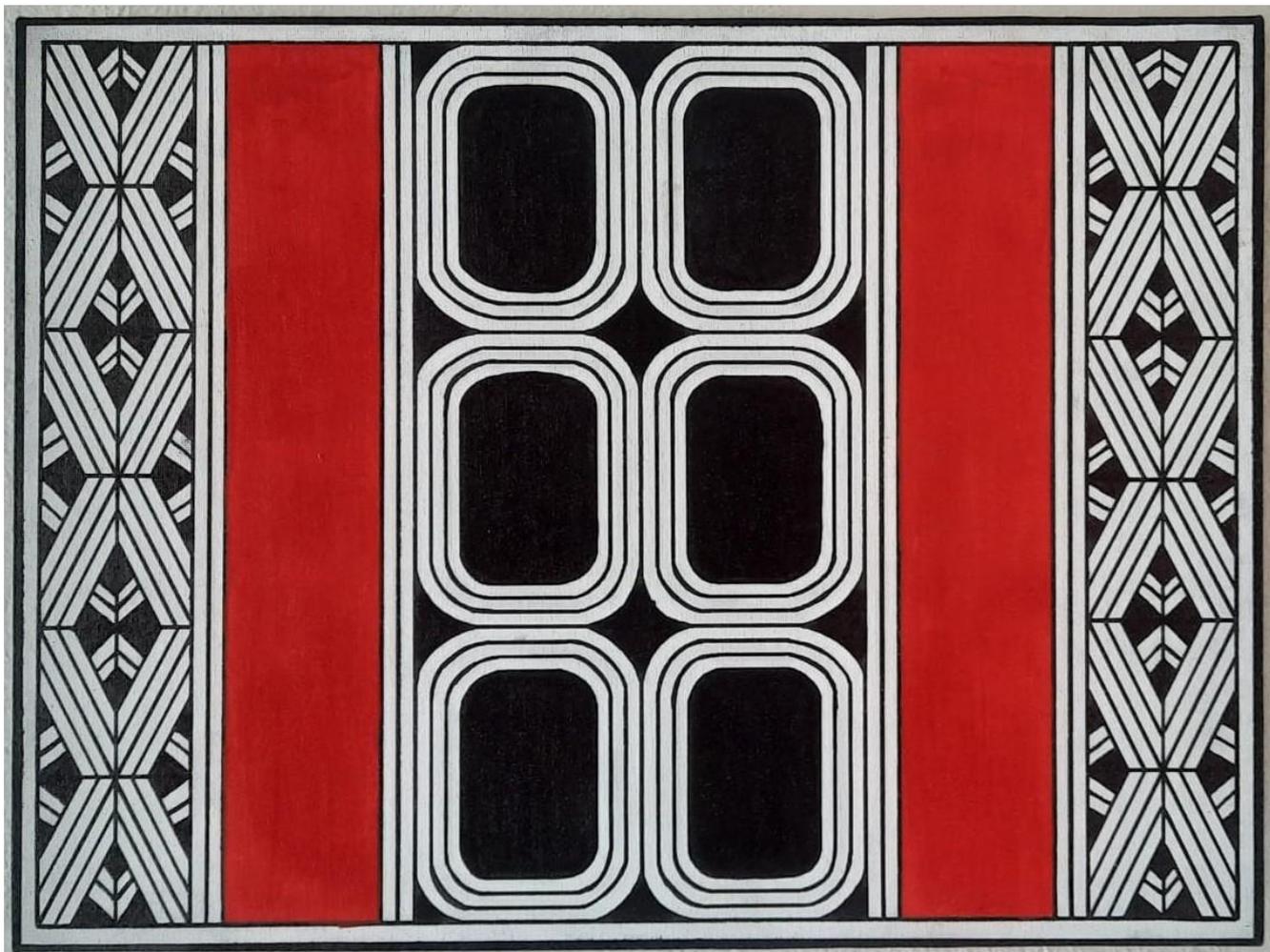
Beijo Platônico; escultura de cerâmica natural; 23 x 15 x 13 cm; 2020

Vlad da Hora



O Marido de Akulka; gravura; 27 x 33 cm; 2021

Wally Km Amarü



Sem título, acrílica e pigmentos naturais s/ tela, 30 x 40 cm; 2021

Wil Catarina



Blocos; aquarela s/ tela acartonada; 40 x 40 cm; 2017

Ze Igino



Sem título; gravura em metal; tiragem 2/16; 15 x 15 cm; 1981

Zoravia Bettiol



Macunaíma, série: Persona-Personagem; costura e pintura: tecido, papelão, pedra e madeira; 113 x 63 x 16 cm; 1994. Fotografia por Irene Santos, maquiagem por Zé Adão Barbosa, edição por Igor Dreher.